



TUKO PAMOJA - MOZAMBIQUE COMMUNITY RESILIENCE PROGRAM GRANTEE FINAL REPORT PEM ZONE: PEM020 – ASSESSING THE IMPACTS OF VE ON WOMEN IN CABO DELGADO

O IMPACTO DOS CONFLITOS VIOLENTOS EM CABO DELGADO, POR UMA ABORDAGEM DE GÉNERO, COM FOCO PARA AS MULHERES E MENINAS

SUMÁRIO EXECUTIVO

O Mapeamento sobre o Impacto dos Conflitos Violentos em Cabo Delgado, por uma abordagem de género, com foco para as Mulheres e Meninas procura compreender os principais *impactos dos conflitos violentos que afectam a Província de Cabo Delgado, especificamente, nos distritos do centro e litoral norte, com foco para as mulheres e meninas directamente afectadas*, sem contudo, excluir a atenção para os impactos nos homens, rapazes, crianças, pessoas idosas, pessoas com doenças crónicas e outras pessoas que possam sofrer qualquer tipo de discriminação ou violência.

Constituem objectivos específicos (áreas-chave) deste trabalho, os seguintes: (i) Contribuir para a compreensão geral sobre o conflito violento em Cabo Delgado; (ii) Contribuir para a compreensão do impacto do conflito violento por uma abordagem de género, com foco para as mulheres e meninas; (iii) Aumentar a compreensão sobre o papel das mulheres no contexto de conflito; e (iv) Informar a formulação de actividades /acções visando, principalmente, o reforço da resiliência das mulheres e meninas afectadas pelo conflito.

Este constitui um estudo exploratório, por uma abordagem qualitativa de recolha de dados, que procura dar voz ao grupo alvo, as pessoas deslocadas internas, através de depoimentos e reflexões sobre as dinâmicas vivenciadas por estes(as), com foco para as mulheres e raparigas. O enfoque do estudo, em termos geográficos, deu primazia aos locais para onde as vítimas dos conflitos estão a fugir, com maior atenção para a Capital da Província de Cabo Delgado, Cidade de Pemba e o Distrito de Metuge, onde encontra-se o maior número de pessoas deslocadas internas (PDIs) da região.

Os procedimentos de pesquisa foram um estudo de campo associado à revisão de literatura e de documentos-chave. O estudo de campo permitiu a recolha de dados a partir de entrevistas abertas com grupos focais de PDIs, complementados por algumas entrevistas individuais aprofundadas, observação directa estruturada e um workshop de recolha de dados com organizações-chave. Para a análise de dados, recorreu-se a uma triangulação metodológica, que permitiu olhar para o contexto em vários ângulos.

De um modo geral, os aspectos abordados foram:

- A vida das pessoas deslocadas internas antes da incursão dos conflitos violentos;
- Insegurança, sofrimento e medo vividos durante a deslocação/fuga
- Estruturas para o acolhimento das pessoas deslocadas internas (PDIs)

- Condições de vida das pessoas deslocadas internas (PDIs), com foco para as mulheres e meninas: Moradia; Condições para o descanso e lazer; Emprego, renda e trabalho não(mal) remunerado; Saúde, higiene e acesso à água e saneamento; Condições psicológicas e espirituais; Subsistência: Alimentação e produtos de 1ª necessidade; Vestuário; Documentação e Identidade; Segurança; Condições e desigualdades económicas; e Relações sociais e interpessoais
- Traumas, violações e discriminações nos contextos de conflito, deslocação e acolhimento
- Necessidades prioritárias das PDIs e mapeamento preliminar de acções de apoio as PDIs, realizadas por instituições-chave
- Especificidades e papéis das mulheres e raparigas nas acções de resiliência

As principais recomendações foram as seguintes:

RECOMENDAÇÃO 1: Como actividade do Grupo temático de Género (FOCADE, coordenado pela MULEIDE – Cabo Delgado), realização de um workshop de 2 dias, com as organizações que trabalham em Cabo Delgado, no apoio às Pessoas Deslocadas Internas e comprometidas com a promoção da igualdade de género e dos direitos das mulheres e raparigas.

RECOMENDAÇÃO 2: Criação e apoio a um grupo da sociedade civil de acompanhamento das doações e benefícios para as PDIs, composto por mulheres e homens deslocados internos, com o objectivo de monitorar a equidade (incluindo a equidade de género) no acesso das PDIs aos benefícios.

RECOMENDAÇÃO 3: Sob a coordenação da DPS em parceria com o Grupo Temático de Género (FOCADE), criação de uma força tarefa para o apoio psicológico e social com uma abordagem de género para as PDIs.

RECOMENDAÇÃO 4: Apoio institucional através de um ponto focal provincial com o papel de coordenar e acompanhar cada acção/fase do MAI (Mecanismo de Atendimento integrado às mulheres vítimas de violência).

RECOMENDAÇÃO 5: Mapear e detalhar as necessidades de mulheres idosas e raparigas deslocadas internas e identificar fontes de apoio para responder às suas necessidades.

RECOMENDAÇÃO 6: Realizar um encontro sobre “empoderamento económico das mulheres como estratégia de resiliência”, para a criação de estratégias conjuntas entre as organizações que trabalham com o tema. Objectivos: (a) Identificação de actividades concretas; (b) Identificação de áreas que precisam de apoio específico (c) Buscar apoios para as actividades prioritárias.

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

1.1. Contextualização

A Província de Cabo Delgado, situada no extremo nordeste de Moçambique, faz fronteira com a República Unida da Tanzânia (a norte), com a Província de Nampula (a sul), com a Província do Niassa (a oeste) e a leste, pelo Oceano Índico.ⁱ A capital provincial, Cidade de Pemba, localizada a cerca de 2 600 km norte da Capital, Maputo, tem uma área de 78 778 km² e está dividida em 17 distritos e cinco municípios: Chiúre, Mocímboa da Praia, Montepuez, Mueda e Pemba.ⁱⁱ

A população de Cabo Delgado é de 2 320 261 Milhões e representa 8,3% da população total de Moçambique (de 27 909 798 milhões de habitantes, sendo 48% homens e 52% mulheres, de acordo com o Censo 2017). Seguindo a tendência de crescimento populacional, na última década, a população de Cabo Delgado cresceu 28, 4%, de 1.807 485 para 2.320 261ⁱⁱⁱ.

A maioria da população segue a religião Islâmica (1192.305), seguida da católica (814.443), da evangélica/Pentecostal (426.65), da Zione/Sião (9.663), da Anglicana (7.669) e os “sem

religião”(168.352)^{iv}. A população economicamente activa corresponde a 85,9% do total, sendo 86,6% na agricultura e pescas^v.

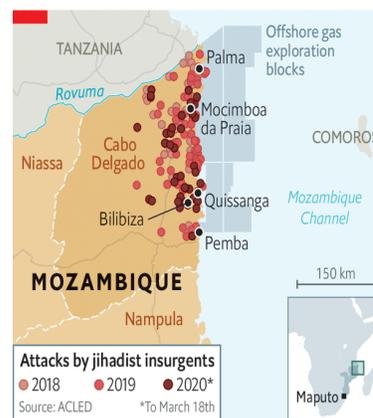
A Província de Cabo Delgado experienciou, na última década, os impactos da implementação de mega projectos da indústria extractiva, tanto na área de hidrocarbonetos quanto na mineira. O impactos sociais do rápido crescimento deste período (incluindo os impactos para a promoção da igualdade de género e para a garantia dos direitos das mulheres, meninas^{vi} e jovens) foram objecto de estudos, políticas e estratégias visando garantir o desenvolvimento inclusivo e sustentável (por exemplo, através do acesso à educação e ao emprego e à qualificação técnico-profissional e à formação de mão de obra local qualificada para o novo mercado de trabalho gerado pelos mega-projectos). Contudo, conforme nota um estudo que analisa a Pobreza, Desigualdades e Conflitos no Norte de Cabo Delgado (Maquenzi & Feijó, 2019)^{vii}, apesar do forte ritmo de investimento verificado no Norte do país, persistem fenómenos de pobreza na região. Ao partilhar um conjunto de reflexões sobre o fenómeno abordado, os autores sugerem a busca de soluções sustentadas para o problema de modo a inverter o ciclo da violência.

De referir que a pobreza tem múltiplas faces que se manifestam em múltiplas desigualdades (incluindo as baseadas no género) e que merecem ser objecto de estudos mais aprofundados. Em análise mais recente, Forquilha & Pereira (IESE, 2020), referem que: O que inicialmente foi considerado pelas autoridades moçambicanas como um acto de banditismo, transformou-se, em um conflito armado complexo, com morte de muitos cidadãos indefesos, destruição de infra-estruturas, habitações e uma crise humanitária de populações deslocadas.^{viii}

Em termos de políticas propostas pelo Governo face aos desafios identificados e para o desenvolvimento da região norte, em Março de 2020 foi anunciada a criação da Agência do Desenvolvimento Integrado do Norte (ADIN) com o objectivo *de impulsionar o desenvolvimento harmonioso, integrado e equilibrado das províncias de Cabo Delgado, Niassa e Nampula*. Uma função da ADIN é o reassentamento temporário ou definitivo das famílias obrigadas a fugir do conflito armado em Cabo Delgado: "As famílias deslocadas pela violência armada devem ser reassentadas e apoiadas em meios de subsistência", afirmou o Presidente da República^{ix}.

Conflitos violentos em Cabo Delgado

Desde Outubro de 2017, a Província de Cabo Delgado tem vivenciado uma dinâmica de conflitos violentos, quando começaram a circular nos média as primeiras notícias sobre a ocorrência de ataques violentos na região, incluindo mortes, casas incendiadas e prejuízos inestimáveis para a população rural. Neste período, informações sobre a situação da Ordem e Segurança Públicas, referiam às acções levadas a cabo por “grupos de malfeitores” contra agentes da autoridade e infra-estruturas públicas, na Vila de Mocimboa da Praia, Província de Cabo Delgado.^x Com o passar do tempo, os ataques foram sendo atribuídos, por fontes diversas, aos “insurgentes”, e, mais recentemente, referiu-se oficialmente à presença de acções perpetradas por terroristas^{xi}.



The Economist
Fonte: The Economist

Sobre o quadro legislativo, vale notar que:

- Em 2018, foi aprovada a Lei nº 5/2018 de 2 de Agosto, que estabelece o regime de prevenção, repressão e combate ao terrorismo e suas diversas formas, incluindo as acções conexas^{xii}.
- Em Moçambique, não existe uma legislação específica para a protecção de pessoas deslocadas internas, que estão em categoria diferente das pessoas “refugiadas”.^{xiii}
- *Conforme nota um estudo de género, realizado no contexto de Cabo Delgado: as alíneas d) e e) do número 2 do artigo 4 do Protocolo II Adicional às Convenções de Genebra de 12 de Agosto de 1949 relativo à Protecção das Vítimas dos Conflitos Armados Não Internacionais, prevê como garantias fundamentais, a proibição em qualquer momento ou lugar dos actos de terrorismo e os atentados à dignidade da pessoa, nomeadamente os tratamentos humilhantes e degradantes, a violação, a coacção à prostituição e todo o atentado ao pudor.*^{xiv}

1.2. Justificativa do foco de pesquisa

Deslocamentos internos em Cabo Delgado

A situação humanitária na Província de Cabo Delgado deteriorou-se significativamente no último ano, quando questões climáticas (Ciclone Kenneth) foram somadas ao contexto de insegurança e violência na Província e levaram a grandes deslocamentos de pessoas, problemas de subsistência e falta de acesso aos serviços básicos. Nos últimos meses, os ataques violentos aumentaram em escala e alcance, sendo os Distritos de Macomia, Quissanga, Mocímboa da Praia, Muidumbe, Nangade e Palma os mais atingidos.^{xv}

Nota-se ainda que, devido à escalada da violência, o acesso humanitário em Cabo Delgado foi amplamente reduzido em 2020 e as organizações humanitárias que trabalham na Província enfrentam desafios para chegar às pessoas necessitadas. Face a esta situação, em Junho de 2020, a Equipa Humanitária da OCHA^{xvi} em Moçambique, em colaboração com o Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC), lançou uma Resposta Rápida para Cabo Delgado^{xvii}. Dados actualizados mostram que existem em Cabo Delgado 329,809 Pessoas Deslocadas Internas na zona norte do país (Nampula, Niassa e Cabo Delgado^{xviii}) sendo 78.181 na Cidade de Pemba e 43.864 no Distrito de Metuge.

Violência baseada no género em contextos de conflito

Ao analisar os desafios da população de pessoas deslocadas internas por uma abordagem de género, em pesquisa recente sobre a *Violência Baseada no Género contra a população deslocada das zonas propensas a ataques militares em Cabo Delgado*, Betone (2020)^{xix} concluiu que entre os membros das famílias deslocadas dos conflitos em Cabo Delgado, existem alguns focos de Violência Baseada no Género.

Em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano Ajustado ao Género (IDG^{xx}), MULEIDE e Action Aid Moçambique (Cabo Delgado, 2015)^{xxi} nota que Cabo Delgado tem um dos IDG mais baixos do país. Esta análise demonstra dados que sustentam que, em Cabo Delgado, as desigualdades das realizações de desenvolvimento humano das mulheres e dos homens era maior que nas restantes Províncias do país.^{xxii}

Ao observar os relatórios de organizações de ajuda humanitária, que promovem também o combate à violência baseada no género^{xxiii} evidenciam-se os seguintes pontos para a área de Protecção e Necessidades:

- A violência crescente na Província de Cabo Delgado está aumentando a necessidade de serviços de protecção, especialmente para as centenas de milhares de PDIs. A insegurança e o deslocamento, aumentam o risco de abuso e exploração infantil, violência de género e expõe pessoas já vulneráveis, incluindo idosos e pessoas com deficiência, a condições adversas.

- A necessidade de resgate e assistência psicossocial e jurídica dos casos relatados de meninas vítimas de violência sexual nos distritos de Mocímboa da Praia e Quissanga .
- A necessidade de prover a Secção de Atendimento a Família e Menores Vítimas de Violência de tendas e outros equipamentos de base de forma a proporcionar o apoio integrado adequado às mulheres e raparigas sobreviventes de VBG em Metuge, Pemba, Chiúre e Mecufi.
- A necessidade de fortalecer apoio com telecomunicações (telefones celulares) a assistentes sociais em oito distritos (Ibo, Macomia, Quissanga, Pemba, Metuge, Montepuez, Chiúre, Mecufi) para garantir a continuidade dos serviços de resposta à VBG e notificação regular dos casos aos outros actores do sistema integrado Mecanismo de resposta à VBG (DPGCAS, Polícia, Saúde e IPAJ).

Sobre as *lacunas e desafios* identificados para Cabo Delgado neste contexto de emergência, este relatório indica que as organizações parceiras na área de combate à Violência Baseada no Género (VBG) têm dificuldades em termos de conhecimento técnico e capacidade para prestar serviços (apoio psicossocial, gestão de casos de VBG, prestação de serviços integrados, entre outros).^{xxiv}

CAPÍTULO 2. OBJECTIVOS E METODOLOGIA

2.1. Objectivos e resultados esperados

O objectivo geral deste mapeamento foi a recolha de dados qualitativos para subsidiar a ***análise sobre os impactos dos conflitos violentos que afectam a Província de Cabo Delgado, especificamente, nos distritos do centro e litoral norte, com foco para as mulheres e meninas directamente afectadas.***

Nota-se que a abordagem de género e o foco nas mulheres e raparigas não excluiu a atenção para os impactos nos homens e rapazes (também ligados aos padrões patriarcais e de desigualdades de género no contexto) e outros grupos identitários vulneráveis (crianças, pessoas idosas, pessoas com doenças crónicas e outras pessoas que pudessem sofrer qualquer tipo de discriminação baseada na identidade de género).

Pelo facto da temática tratada pela pesquisa ser ainda uma novidade para o contexto moçambicano (sendo insuficientes os dados/análises disponíveis) a pesquisa iniciou com uma fase preliminar-exploratória de recolha de dados, para substanciar o desenho da metodologia, o detalhamento do plano de pesquisa e a composição da equipe. Esta fase preliminar incluiu (a) Revisão de literatura; (b) Pesquisa preliminar-exploratória, através de guião de questões para a contextualização (Realizada pela Equipe da MULEIDE); (c) Análise preliminar de risco e sobre as medidas de prevenção da COVID-19 no processo de pesquisa.

Os objectivos específicos que guiaram o foco e o desenho da metodologia seguiram o TdR original, elaborado pela MULEIDE-Cabo Delgado, que priorizou 4 áreas-chave:

OBJECTIVO 1. Contribuir para a compreensão geral sobre o conflito violento em Cabo Delgado^{xxv}

OBJECTIVO 2. Contribuir para a compreensão do impacto do conflito violento para as mulheres e meninas;

OBJECTIVO 3. Aumentar a compreensão sobre o papel das mulheres na resiliência ao contexto de conflito; ^{xxvi}

OBJECTIVO 4. Informar a formulação de actividades /acções visando o reforço da resiliência das mulheres e meninas afectadas pelo conflito.

O processo de pesquisa preliminar-exploratória aferiu a necessidade de haver um foco nas desigualdades de género (incluindo o combate à violência baseada no género) e nos impactos psicológicos do tema em questão. Com resultado, para a recolha de dados com fontes primárias foi escolhido como grupo alvo as pessoas deslocadas internas (PDIs) e a equipa de pesquisa foi

complementada por uma profissional da área de psicologia (Funcionária cedida pela pelo Hospital Provincial de Pemba). Também foi priorizada a formação de uma equipa de tradução (3 técnicos/as, para 3 línguas locais), que desempenharam um papel-chave no processo de recolha de dados.

De acordo com estes objectivos específicos, os resultados esperados (RE) são:

RE 1: Mapeamento dos diversos tipos de impacto do conflito violento nas mulheres e meninas;

RE 2. Disponibilização de dados quantitativos sobre as mulheres e meninas IDPs e outros, disponíveis;

RE 3. Mapeamento das condições de vida actual das mulheres IDPs;

RE 4: Mapeamento (Tipologia) das violações, ofensas sofridas e traumas pelas mulheres e raparigas afectadas pelos conflitos violentos;

RE 5: Mapeamento das necessidades prioritárias das mulheres e meninas IDPs;

RE 6: Mapeamento das percepções sobre o papel das mulheres e experiências vividas no contexto do conflito violento;

RE 7: Mapeamento de organizações/redes que trabalham no apoio às mulheres e raparigas IDPs (em Pemba e Metuge) ;

RE 8: Recomendações de acções futuras, baseadas em uma abordagem de género, com foco nas mulheres e raparigas.

2.2. Metodologia

Para responder aos objectivos e resultados esperados, que tratam de temas diversos e relacionados, foram aplicados multi-métodos e uma abordagem de triangulação (para permitir a análise qualitativa envolvendo diferentes perspectivas)^{xxvii}. Tendo em conta o contexto de conflito violento em que se realiza a pesquisa, para o desenho da metodologia, foram previamente analisadas fontes bibliográficas diversas^{xxviii}, sobre métodos e técnicas aplicados em contextos similares, onde o conflito violento traz a necessidade de atenção para: (a) A garantia da segurança da equipe de pesquisa e das participantes (fontes de informação); (b) Limitações para a recolha de dados em áreas de risco; (c) Relação entre o contexto local e contextos globais, que trazem a importância de olhar também para boas práticas e análises mais abrangentes, que utilizam da perspectiva de economia política do conflito, por uma perspectiva de género para enquadrar o que acontece em Cabo Delgado no âmbito de tendências regionais e globais.^{xxix}

2.2.1. Abordagem de género

O sistema patriarcal, de pobreza e múltiplas desigualdades (económicas, de género, raça, etnia, religião, idade, orientação sexual, identidade de género, dentre outras), que historicamente estrutura a vida (individual e social) da população do contexto do estudo (Moçambique, Província de Cabo Delgado) assim como a histórica ocorrência de violência baseada no género trazem a necessidade de definição cautelosa do foco de acção e dos grupos que são atingidos pelos impactos da violência extremista de forma particular.

Neste sentido, ao olhar para as pessoas mais atingidas pelo contexto, este estudo inclui uma lente, com olhar atento para os impactos específicos para as mulheres e meninas que, anteriormente à ocorrência dos conflitos violentos já tinham suas oportunidades e exercício de direitos limitados pelo contexto de desigualdades económicas e de acesso à informação, à participação política (incluindo mecanismos de decisão), aos recursos de subsistência e serviços públicos (saúde, educação, água, etc.) que tendem a privilegiar os homens. Uma abordagem de género para o contexto do estudo, contudo, presta também atenção para o impacto nos homens (especialmente rapazes) que, pelos mesmos traços patriarcais reforçados pelos processos de socialização (homem tido como “provedor”, com “melhores habilidades” e “força” física, dentre outros aspectos), tendem a receber, de forma

desigual (seguindo padrões de masculinidade), a demanda de recrutamentos, seja para as forças de defesa nacional ou mesmo para fazer parte dos grupos extremistas.

Nota-se ainda que a categoria “mulheres” não se refere a um grupo homogêneo e as especificidades (mulheres jovens, idosas, deslocadas internas, dentre várias outras manifestações da diversidade das mulheres) merecem ser observadas atentamente, quanto ao impacto diferenciado, em um dado contexto.

2.2.2. Foco geográfico:

A ocorrência de conflitos violentos no norte da Província limitou o acesso da equipa de pesquisa aos locais onde estes ocorrem. Desta forma, a recolha de dados limitou-se aos locais para onde as vítimas dos conflitos estão a fugir. Seguindo as estatísticas, o foco geográfico para o trabalho de recolha de dados qualitativos foi a Capital da Província de Cabo Delgado, Cidade de Pemba e o Distrito de Metuge, onde encontra-se o maior número de pessoas deslocadas internas (IDPs) da região.

Deve-se notar, contudo, que pela crescente demanda por locais e centros de acolhimentos para as populações vindas dos distritos em conflito violento, nos últimos meses foram criados outros pólos (Centros de acolhimento e acolhimento em famílias) de acolhimento em outros distritos da Província de Cabo Delgado (Distritos de Mecufi, Montepuez e Chiúre, por exemplo) assim como na vizinha Província de Nampula, para onde muitas das pessoas deslocadas que tinham condições financeiras para o transporte preferiram deslocar-se. Estas regiões, contudo, não foram abarcadas pelo Estudo e merecem atenção especial, em futuras análises.

Note-se ainda que o foco geográfico diz respeito ao local onde as fontes de informação estão, no presente momento. Ao tratar-se de pessoas deslocadas internas, a análise levou em consideração não só o local onde as pessoas se encontram mas também a origem geográfica das pessoas deslocadas internas, com foco para os seguintes distritos onde os conflitos violentos e a violência extremista estão a acontecer com maior frequência: Macomia, Quissanga, Mocímboa da Praia, Muidumbe, Ibo e Palma.

2.2.3. Métodos/Técnicas e grupos-alvo/Fontes de dados:

A Pesquisa foi realizada em Quatro (04) fases de recolha de dados:

FASE DE PESQUISA 1: Recolha de dados quantitativos

Grupo alvo: Órgãos do Governo Provincial ou parceiros de cooperação com a responsabilidade de sistematização dos dados sobre Pessoas Deslocadas Internas.

Método: Recolha de dados através de solicitação (por via de carta) de dados quantitativos disponíveis

FASE DE PESQUISA 2: Revisão de literatura

Grupo alvo: Actores/fontes nacionais, regionais e internacionais com experiência no tema e que tenham publicado análises baseadas em evidências e dados oficiais/fiáveis;

Método /Técnica de pesquisa: Revisão de literatura e análise bibliográfica baseada em codificações referentes aos oito (08) resultados esperados

FASE DE PESQUISA 3: Mapeamento sobre a violência baseada no género no contexto de vulnerabilidade face à emergência em Cabo Delgado, com foco para as mulheres e meninas deslocadas internas

Grupo alvo: Pessoas deslocadas internas, com foco para as mulheres e meninas, dos distritos mais afectados pelos conflitos a pela violência extremista em Cabo Delgado;

Método /Técnica de pesquisa:

- Realização de 28^{xxx} Grupos focais com um total de 276 IDPs, sendo 199 mulheres e 77 homens.
- Realização de 5 Entrevistas semi-estruturadas aprofundadas^{xxxi} (com 3 mulheres e 2 homens participantes dos GFDs e que mostraram uma condição de extrema vulnerabilidade psíquica, pelos traumas sofridos)
- Observação directa – estruturada: Observação do contexto dos Centros de Acolhimento de IDPs e das sedes dos bairros, com registo através de guião de áreas-chave para a observação do contexto.

FASE DE PESQUISA 4: *Workshop de troca de experiências:* acções para a promoção da igualdade de género e dos direitos das mulheres e raparigas no contexto de conflitos e de emergência humanitária em Cabo Delgado

Grupo alvo: Instituições que trabalham na área de género e/ou das pessoas deslocadas internas em (IDPs) em Cabo Delgado.

Método /Técnica de pesquisa: Workshop para recolha de dados através de trabalho em grupo e preenchimento de Matriz de recolha de dados e debate em plenária para a identificação de recomendações e acções coordenadas para a promoção da igualdade e equidade de Género, no contexto de apoio às PDIs em Cabo Delgado. De forma complementar, o envio da matriz foi feito por email, pelas as instituições que não puderam estar presentes no workshop.

2.2.4. Limitações da Pesquisa e Medidas de Protecção ligadas à Pandemia da Covid-19

- Seguindo o TdR, esta pesquisa teve como grupo alvo as pessoas deslocadas internas (IDPs) localizadas na Cidade de Pemba e no Distrito de Metuge. Não foram abrangidas pela recolha de dados as pessoas deslocadas internas localizadas nos distritos de Montepuez, Chiúre e Província de Nampula.
- Tendo sido identificado o receio/insegurança por parte da população em relação aos questionamentos directos, assim como pelo contexto da COVID-19, não foram realizadas entrevistas domiciliares.
- Seguindo o TdR, esta pesquisa teve como foco o impacto nas mulheres e meninas. Uma abordagem sobre os impactos nos homens (ligados aos padrões de género e masculinidade) mostra-se bastante relevante, contudo, não pôde ser aprofundada neste processo de pesquisa.
- O registo das entrevistas e dos grupos focais foi limitado à tradução e transcrição escrita das falas. A avaliação preliminar do contexto da Pesquisa indicou que a inviabilidade do registo de áudio e fotográfico.
- Houve a atenção para factores determinantes ligados à religião e aos grupos étnicos das populações afectadas pelos conflitos, durante todas as fases da recolha de dados. Contudo, os métodos e técnicas aplicados não permitiram um aprofundamento da análise segundo estas categorias sociais.
- Como medida de prevenção da COVID-19: (a) Não foi permitida a entrada da equipa de pesquisa dentro dos domicílios, o que limitou a realização de inquéritos domiciliares; (b) Precauções de distanciamento social e higienização das mãos foram aplicadas para as actividades de recolha de dados; (c) Foi distribuída uma máscara para cada participante do GFD.

CAPÍTULO 3. MAPEAMENTO SOBRE A VIOLÊNCIA BASEADA GÉNERO NO CONTEXTO DE VULNERABILIDADE FACE À EMERGÊNCIA, COM FOCO PARA AS MULHERES E MENINAS DESLOCADAS INTERNAS

3.1. Abordagens: múltiplas lentes para análise de um contexto complexo

O cenário encontrado pela equipa da MULEIDE – Cabo Delgado, constituída para a realização deste mapeamento é desolador. Mulheres, raparigas, homens e rapazes deslocados internos (PDIs) que foram ouvidos(as) expressaram extremo sofrimento e insegurança (física, alimentar, social, etc.). As entrevistas em grupo passaram a ser um momento de desabafo sobre as suas vivências. Ao fim de cada grupo, agradeciam pela nossa visita, contando que éramos as *primeiras pessoas que vinham falar* com eles(a), que se importavam em saber como estão a viver.

Foi bastante ressaltado que a fuga (deslocamento) da Aldeia de origem não foi o início de uma crise, mas parte de um sofrimento vivido nos últimos anos, pelas populações dos distritos mais afectados pelos ataques (cada distrito foi afectado de forma diferente, uns tiveram o impacto logo em 2017 e outros mais recentemente)^{xxxii}. Para a maioria, a vinda para a Capital da Província (ou para o distrito vizinho, de Metuge) apenas mudou a forma de sofrimento mas não trouxe solução, pois estão a viver com imensas dificuldades.

O sofrimento aqui é tão grande que é melhor voltar para casa, para morrer lá...

PDI – Participante de grupo focal

Ao conversar com as mulheres e homens, meninas e rapazes que fugiram dos seus distritos, em busca de sobrevivência, não resta dúvida de que estas pessoas precisam muito urgentemente de apoio, em diversas áreas. Infelizmente, já se atingiu um estágio de extrema e múltiplas vulnerabilidades, exclusões, traumas, violências, debilidades físicas, emocionais e espirituais. Conforme observado pela psicóloga da Direcção Provincial de Saúde – Cabo Delgado), que integrou a equipe de trabalho:

Há pessoas com aspecto melancólico ou tristeza. Todos(as) sugerem sofrimento generalizado, caracterizado por medo de novos ataques, insegurança, assustam-se facilmente, sobretudo à noite, dormem no chão, sujeitos às picadas por insectos. Todos(as) sentem falta de alimentos, liberdade, casa condigna, machamba para cultivar o alimento, liberdade de circulação, necessitam de paz para retornarem as suas zonas de origem.

Psicóloga, DPS – Pemba - grupo focal de mulheres (Metuge)

A violência extremista veio somar-se a um contexto que, notoriamente, já evidenciava a fraca inclusão e as múltiplas desigualdades (incluindo as baseadas no género) e vulnerabilidades das populações locais. Estas populações, contudo, já tinham um modo de vida em que, apesar da situação de pobreza, a experiência de um passado recente de guerra, fazia com que o dia-a-dia das populações fosse de um exercício contínuo de manutenção da paz e da coesão social. Deve-se notar que, o contexto dos ataques, intensificados neste ano, impacta toda a população: tanto as pessoas que fugiram/deslocaram quanto as pessoas que ainda se encontram na zona de conflito violento.

Neste cenário de extrema insegurança e vulnerabilidade social que afecta toda a população dos distritos directamente afectados (centro e norte de Cabo Delgado) o objectivo deste trabalho, de focar a análise nas mulheres e meninas, deparou-se com desafios estruturais: apesar dos visíveis impactos diferenciados para homens/rapazes e mulheres/raparigas, as pessoas deslocadas internas (PDIs) foram unânimes em afirmar: *o sofrimento é para todos, para homens e para as mulheres!*

Apesar das desigualdades de género estruturais do contexto (que, historicamente, afectam as mulheres e meninas de forma específica), ao analisar o contexto por uma lente de género, fomos também chamados à atenção para severos impactos, que afectam prioritariamente os homens e rapazes. Como resultado da construção social da masculinidade (que prioriza, para os homens as tarefas uso de força, coragem, papel de “defesa”, provedor, etc.) exemplos e relatos de PDIs reforçam a concretização, em Cabo Delgado, de práticas já usadas em outros contextos, em que os rapazes (homens jovens) são os mais afectados, por exemplo, pelas práticas de rapto ou aliciamento (em troca da promessa de valores) para fazer parte dos grupos extremistas. Do outro lado da mesma moeda,

relatos dos grupos de PDIs descrevem que as raparigas têm sido as vítimas prioritárias de raptos (com finalidade distinta dos rapazes) com finalidades sexuais/reprodutivas e de trabalhos domésticos..

Além da abordagem de género, observou-se os resultados deste mapeamento a partir da lente da intersseccionalidade (múltiplas discriminações e desigualdades) e *da necropolítica^{xxxiii} (onde a vida ou a morte de determinadas pessoas têm mais valor/visibilidade do que a vida ou a morte de outras)*. Houve um cuidado para, ao focar a análise nas mulheres e raparigas, não desmerecer a concreta realidade de exclusão e violência, também vivenciada pelos homens deslocados internos. Nesta perspectiva, ao olhar para as especificidades das mulheres e raparigas, buscou-se observar as múltiplas discriminações e violências sofridas pelas mulheres, que pela sua idade, condição de saúde, religião, etnia, distrito de origem, dentre outras características, podem sofrer dupla ou triplamente os impactos deste contexto de extrema violação de direitos humanos que atinge a toda a população dos distritos do centro e norte de Cabo Delgado.

As abordagens de Economia Política de Conflitos e direitos humanos das mulheres (PEC-DHM) e das dimensões de género da prevenção ao terrorismo e a violência extremista (CT/PVE) também foram muito úteis, para garantir que, ao olhar para o impacto directo nos grupos directamente afectados pelo problema, não deixemos de ter em perspectiva que soluções estruturais não serão resolvidas apenas com a satisfação das necessidades das pessoas que fugiram do conflito. Soluções estruturais dependem de actores que não foram parte deste mapeamento, e que outros estudos devem focar, a fim de propor soluções que partam da compreensão aprofundada dos conflitos violentos que há 3 anos afligem esta Província.

Neste contexto, é necessário um exercício de reflexão para melhor compreender a relação entre normas patriarcais, múltiplas desigualdades e violência baseada no género, com a construção social dos padrões violentos de actuação e as manifestações concretas de violência (incluindo as violência baseada no género e a violência extremista).

Abordagem para as múltiplas violações e traumas sofridos

As múltiplas violações e traumas sofridos pelas populações são a parte mais dolorosa do contexto de conflitos violentos. Um olhar para estas duas dimensões do contexto actual de Cabo Delgado, por uma abordagem de género, nos remete a dois âmbitos complementares, relativos aos impactos directos para as pessoas mais afectadas. O primeiro, é um olhar para a violência extremista e os conflitos violentos como eventos marcados por padrões de múltiplas desigualdades, discriminações e violência baseadas no género (física, psicológica, patrimonial, moral, sexual, económica, dentre outras), presentes: (a) no contexto original, de conflito violento; (b) no contexto de deslocação (fuga); e (c) no contexto de acolhimento de PDIs. Esta perspectiva tem atenção tanto para o âmbito doméstico como público.

A segunda perspectiva, sobre os traumas sofridos, tem atenção especial para uma perspectiva holística da corporeidade, os impactos dos contextos de conflitos violentos afectas as pessoas de forma holística, nos âmbitos físico, psicológico e espiritual.

Abordagem para as Condições de vida

Ao analisar as condições de vida^{xxxiv} das pessoas deslocadas internas ou das que ainda estão na região de conflito, por uma perspectiva de género e um foco para as mulheres e meninas é preciso compreender *condições de vida*, para além do bem-estar material e da produtividade, tendo também atenção para outras dimensões: saúde, água e saneamento, moradia, relações individuais e sociais, segurança, bem-estar emocional, espiritual, desigualdades e discriminações sociais e de género, dentre outros factores.

Abordagem para as Necessidades

A abordagem de género deste mapeamento trouxe para a recolha de dados sobre as necessidades das pessoas deslocadas internas (PDIs) uma perspectiva que vai além das necessidades materiais e de subsistência. O forte impacto psicológico das violências sofridas e traumas também trouxe à luz diversas necessidades (como a de viver em paz, em igualdade, em boas relações, etc.) que, antes de iniciar esta experiência de conflitos violentos, as pessoas não tinham como necessidades prioritárias.

3.2. Contextualização

3.2.1. Contexto anterior aos conflitos violentos e à deslocação

Com a força de quem deixou muito para trás, as pessoas deslocadas internas (PDIs) expressaram o lamento e a saudade da vida passada, nos distritos de origem. Com variâncias dentre os contextos específicos (por exemplo, zonas costeiras ou interior ou papéis de género preponderantes), foram notadas como principais **actividades realizadas: a agricultura familiar (machamba de cultivo de mandioca, arroz, milho, etc.) e pesca, realizadas tanto para consumo/subsistência como para comércio (aleadamente, do excedente^{xxxv}), visando a compra de produtos de 1ª necessidade, materiais escolares, acessórios para cerimónias espirituais, dentre outras necessidades, identificadas como complementares à alimentação.**

Outras actividades citadas (por diversas PDIs), realizadas no contexto de origem incluem: pequenos negócios, “biscates”, confecção de carvão, serralharia, carpintaria, estudo, confecção de esteiras, corte de bambus ou capim para venda, moagem de milho, criação de ovelhas/cabritos/galinhas, dentre outras. Um homem citou a experiência com a manutenção de computadores e outro, de telefones celulares.

Os papéis diferenciados de género, construídos socialmente nestes contextos, reforçam diferenças na realização de algumas actividades, para homens e mulheres. **Para as mulheres, para além da machamba e da pesca de mariscos, as actividades mais citadas foram: a confecção e venda de bolos (mandazi e badgias), sabão ou artesanatos (esteiras, peneiras, etc.), transporte de lenha, venda de produtos básicos em pequenas barracas domiciliares ou nos mercados das Aldeias. Também notado (Mulheres vindas das zonas costeiras), o trabalho em salinas e a venda de peixes para a Capital da Província (Pemba).** Das actividades de venda e pequenos negócios citadas pelas mulheres, não foi possível aprofundar (merece análise mais detalhada), se as mulheres que realizavam actividades comerciais tinham o poder de decisão sobre o uso dos recursos financeiros (valores da venda) no âmbito domiciliar (no contexto, muitas vezes um tendência era das mulheres venderem mas os homens decidirem o que fazer com o dinheiro).

Identificou-se, dentre as PDIs, a presença de **algumas mulheres empreendedoras, que fizeram a questão de reforçar como conseguiram ultrapassar os papéis de género/sociais habitualmente esperados das mulheres e entrar em áreas dominadas por homens como é o caso do negócio das culturas de rendimento.** Por exemplo, uma mulher Maconde, chefe de agregado familiar, citou como negócio principal a produção e venda de gergelim. Algumas mulheres citaram a ida para a vizinha Província de Nampula ou para Pemba para a compra de *viombo* (utensílios domésticos) ou roupas usadas (de “calamidade”), para revenda no Distrito. Com orgulho, estas mulheres empreendedoras contaram que, com o valor da venda, conseguiam comprar comida, material escolar, vestuários para seus filhos e participar das cerimónias.

Embora tenha sido pouco ressaltado (merece uma melhor atenção, em estudos de género futuros), **algumas mulheres notaram que conseguiam poupar, através da prática de “xitique” ou grupos de poupança.** Contudo, seguindo diversos relatos, uma delas lamentou que o pouco que conseguiu poupar, *o dinheiro foi queimado com a casa!* Ao explicar como faziam para gerir os recursos domésticos, uma mulher idosa colocou a opinião de que a melhor forma de conseguir sobreviver é ter machamba (*metade vendo e outra parte comemos*). Outras mulheres concordaram, notando que a poupança ajudava a guardar pequenos valores, para a subsistência. Neste momento do debate uma

das mulheres lamentou: *perdemos tudo! Nosso dinheiro foi queimado pelos “alshababes”^{xxxvi}*. Ao concordar, todas se emocionaram.

Apesar da ênfase ser da opinião de que *o sofrimento é para todos*, os(as) participantes (homens e mulheres, rapazes e raparigas) concordaram que existem, no *contexto de origem, papéis desiguais de género*. Por exemplo, foi reforçado o papel ausente dos homens para realizar as tarefas da casa e cuidar das crianças - filhos(as) e netos(as). Algumas mulheres chegaram a colocar a ausência como um tipo de violência: *os homens ficam sentados e a mulher fazendo todo o serviço de casa*. Outras mulheres (incluindo raparigas) foram da opinião de que não é certo [a mulher fazer o trabalho doméstico], *mas é o normal*. Algumas (mulheres e raparigas) reclamaram que, mesmo nos Centros de acolhimento ou nas casas que vivem, em Pemba, os homens sentam e não ajudam nas tarefas de casa.

Contudo, ao comparar como viviam anteriormente e agora, em todos os grupos, foi enfatizado que, mesmo que não existisse partilha (igualdade), “antes” (antes de saírem da Aldeia onde viviam) existia pelo menos, uma divisão de tarefas. Exemplos dados pelas mulheres foram: homens pescavam e mulheres faziam bolinhos, homens e mulheres faziam machamba juntos, mulher catava água e homens faziam biscates). Agora, mesmo sem muitas tarefas a realizar, muitos homens não ajudam (na cozinha, cuidar das crianças). Algumas mulheres, reclamaram que ficam com muitas das tarefas do dia-a-dia. Alguns homens, contaram que agora cuidam dos seus filhos (alguns, inclusive, perderam suas mulheres).

Deve-se notar ainda que os relatos lamentam que muitas das pessoas idosas preferiram ficar na Aldeia: *faleceram por lá*. Outras, *ficaram pelo caminho*. Algumas PDIs, não sabem se os familiares idosos ainda estão vivos ou não. A dificuldade de locomoção foi colocada como o principal factor para as pessoas idosas ficarem na Aldeia. Segundo os relatos, pessoas idosas sabiam que não iriam conseguir correr ou caminhar durante dias e despediram do resto da família, em casa.

3.2.2. Insegurança, sofrimento e medo vividos durante a deslocação/fuga

Relatos diversos (em todos os grupos: mistos e de mulheres, Pemba ou Metuge) reforçam o mesmo cenário: **quando iniciavam os ataques não tivemos tempo para levar nada. Relatos das mulheres e homens, contam o trajeto difícil, de saída do Distrito de origem até Metuge, a pé. A maioria, sem nenhum pertence material. Os(as) que conseguiram resgatar algo, lamentavam o peso do que carregavam (alguns bens foram deixados no caminho, para aliviar o peso)**. Algumas mulheres contam que vieram nuas e agradecem, que foram oferecidas roupas ao chegar no Centro de Acolhimento, em Metuge.

Muitos lamentam fortemente não terem conseguido trazer um valor, mesmo que pequeno, para poder iniciar negócios (citados pelas mulheres, por exemplo, farinha e óleo para fazer bolos). Os valores guardados nas casas, contaram que *ardeu com a casa!* Contas bancárias, não eram uma prática frequente e, quem tinha um valor no Mpesa, ou não consegue retirar (pois não tem BI nem o cartão sim) ou gastou o que tinha, com o transporte até Pemba. Como forte manifestação de solidariedade, um homem (de Mocimboa da Praia) contou que era comerciante no distrito de origem mas pagou 500 Mts para o transporte de muitas pessoas que não tinham para pagar, ficando sem poupança. Em geral, **a situação verificada é de ausência do mínimo de moeda circulante, seja para necessidades básicas, para iniciar uma actividade de rendimento ou para os materiais da escola dos filhos (próximo ano), conforme mulheres notaram a preocupação**.

Uma das ênfases das PDIs era mostrar o quão súbito tudo aconteceu. Segundo relatos, de um momento para o outro, a vida mudou: fugindo dos ataques, uns foram para o mato, outros iniciaram a caminhar, quem teve possibilidade de pagar, pegou um transporte, de carro ou barco. Muitos descreveram como “grande violência” e sofrimento, as caminhadas de dias inteiros, pelas matas, por vezes sem saber a direcção onde estavam a ir e na incerteza, se iriam sobreviver.

Como forma de contextualizar a chegada das pessoas deslocadas internas em Pemba e Metuge, é preciso ressaltar, conforme lamentado por homens e mulheres deslocados(as) que antes de saírem

dos seus distritos, grande parte *dormia nas matas, mangais*, ou locais onde achavam que poderiam se proteger dos ataques extremistas. Muitos(as) contam que iniciaram a prática de dormir nas matas muito antes da fuga do distrito para Pemba ou Metuge. Diversos relatos notam que a partir de certo momento (alguns citam meses, outros dizem que têm se refugiado nas matas há mais de um ano), tornou-se prática corrente passar o dia nas Aldeias ou machambas e, à noite, *dormia no mato, para proteger dos ataques*. Alguns(mas) PDIs, contam que começaram há algum tempo *a enterrar os bens na mata, para não perder tudo nos ataques*.

Contam que o grande medo era de *acontecer como nas aldeias vizinhas, que queimaram todas as casas*. Também foi reforçado que algumas Aldeias tiveram 2 ou 3 ataques, antes da população decidir fugir. Em dois dos grupos de mulheres, foi relatado que elas demoraram a sair da Aldeia pois: não queriam deixar as pessoas idosas (que não tinham como caminhar muito), não tinham dinheiro de transporte (*já não fazia negócio, de ir a Nampula*, contou uma mulher) ou não queriam deixar os bens (que adquiriram a vida toda). Os diversos relatos destas noites *no mato*, enfatizam o sofrimento, o medo, os mosquitos nas noites nos mangais e o *medo dos animais*. Sobre o medo, em um dos grupos a maioria expressou a opinião de que:

Prefiro enfrentar um Leão, do que os ataques que aconteceram nas Aldeias vizinhas.

Opinião partilhada em debate - grupo misto de PDIs, Pemba

3.2.3. Estruturas para o acolhimento das Pessoas deslocadas internas (PDIs)

O período em que as pessoas deslocadas internas entrevistadas estão em Pemba ou Metuge varia. Algumas pessoas estão há 6 meses, outras 3 ou 2 meses. Diversas chegaram recentemente, assim como existe ainda um fluxo grande de PDIs a chegar, por exemplo, também nos Distritos de Montepuez e Chiúre. Identificou-se 2 categorias como principais formas de acolhimento para PDIs: (a) Centros de Acolhimento; e(b) Casas - emprestadas, arrendas ou onde as PDIs estão convidadas.

Contudo, na segunda quinzena de Outubro, começaram a chegar em Pemba, mais precisamente no Bairro do Paquitequete, dezenas de Barcos, com pessoas deslocadas internas. Como nem todas as PDIs tinham condições financeiras para sair do local, um número aproximado de 250 - 300 pessoas^{xxxvii} permaneceram vivendo temporariamente no local. Sendo assim, além das PDIs que foram para os Centros de Acolhimento ou as que conseguiram estar em domicílios foi estabelecida uma categoria transitória de acolhimento.

(a) Centros de Acolhimento de Metuge

Nos Centros de Acolhimento de Metuge, a maioria das PDIs vive em pequenas tendas ou pequenas construções improvisadas como moradia temporária para uma ou mais famílias, com paus, palha e sacos costurados. Na parte de fora, vê-se fogões a lenha ou carvão e, muitas vezes, as mulheres a cozinhar.

Ao chegar a cada Centro, vê-se muitas pessoas sentadas (algumas nas esteiras outras em cadeiras (maioria homens, mais velhos) que vivem no Centro. Segundo relatos dos grupos ou chefes das Aldeias, algumas PDIs chegaram recentemente e ainda não têm nenhuma forma de habitação. Estas ficavam ao relento, apenas com acesso à água, alimentos e medicamentos (no caso do Centro Agrário, por exemplo, que está próximo do Centro de saúde de Metuge-Sede). Em outros Centros, o acesso à água ou ao hospital é mais difícil.

Crianças eram vistas a brincar, saltar a corda ou, em um dos Centros, em um campo de futebol. Nos Centros, haviam pequenos comércios. Por exemplo, foi possível notar jovens, moradores locais, a vender tomate e matapa a um preço reduzido. Explicaram que, se no mercado vedem por 10MTs, no Centro vendem por 5MTs, para ajudar às pessoas deslocadas.

Os 5 centros visitados, eram coordenados por “chefes” locais, do Distrito de Metuge. Em geral, as PDIs foram organizadas por Aldeias ou por etnias (Relatos notaram que esta divisão ajuda no bom entendimento entre as PDIs). Em um dos Centros, o terreno onde estavam as PDIs foi cedido

(contrato verbal, ainda sem documentação) para PDIs da etnia Maconde, vindas de Mocimboa da Praia, Muidumbe e Quissanga. Este caso era um pouco diferente dos outros Centros, pois não havia montada uma estrutura de Centro de Acolhimento e as pessoas estavam a construir as estruturas, pessoalmente.

(b) Casas (emprestadas, arrendas ou onde estão de convidados(a)).

Em Pemba, a maioria das PDIs vive em domicílios de familiares, amigos ou conhecidos/“pessoas de boa fé”, emprestados ou casas alugadas. Dos relatos das PDIs em Pemba, a maioria está estabelecida nos quintais destas casas (poucos foram os que disseram que vivem dentro das casas). No Bairro de Chuíba, para além das PDIs que vivem nas casas ou terrenos cedidos, existem 2 tendas, que não chegam a formar um Centro mas que acolhem cerca de 50 pessoas

(c) Praia do Paquitequete, Pemba: Local de chegada ou Centro de transição.

Entre 16 de Outubro e 06 de Novembro^{xxxviii}, um número exorbitante de pessoas deslocadas internas (que somariam mais de 13.737 pessoas deslocadas internas em menos de 1 mês), desembarcaram na praia do Bairro de Paquitequete, vindas, sobretudo, dos distritos de Macomia e Mocimboa da Praia. Destas, 6.158 eram crianças, 3.401 homens e 4.178 mulheres, sendo 35 mulheres grávidas.

Por diversos factores - como a impossibilidade de custear o transporte (até o Centro de Metuge), por terem dívidas com os barqueiros (as pessoas que não pagaram a viagem, deveriam ficar na praia até conseguir pagar), ou por estar à espera de outra solução (pelas autoridades locais provinciais, responsáveis por encontrar uma solução para o acolhimento condigno destas pessoas deslocadas internas) - cerca de 300 pessoas ficaram acolhidos temporariamente, na beira da Praia. Em poucos dias, um Centro de Acolhimento temporário/de emergência, foi montado, com o apoio de diversas organizações.

Casas de banho móveis foram doadas, mas não havia condições de saneamento, para todas as pessoas. Havia acesso à água, alimentos e medicamentos. As pessoas ficavam ao relento, nas três lonas, sobrepostas em 4 paus.^{xxxix} Além das grandes tendas, havia outros locais improvisados (com sacos, plásticos etc.). Contudo, por conta da prevenção de doenças (como a Cólera, já que havia um surto de doenças diarreicas) houve a proibição, pelas autoridades de saúde, das tendas fechadas.

Foram diversas as organizações (locais, nacionais e internacionais), empresas e indivíduos que prestaram apoios para amenizar o sofrimento das pessoas. Contudo, pelo grande número de pessoas que chegavam a cada dia, a situação era alarmante e o apoio com os meios para propiciar o reenaminhamento as PDIs (por exemplo, para os Centros de Metuge) finalizou quase um mês^{xl} após o início dos desembarques.

Relatos de membros de uma Associação^{xli} de Jovens à coordenadora da MULEIDE-Cabo Delgado, apontam para um cenário desolador, com pessoas a reclamar de dores de cabeça, diarreias, choros e desespero constantes. Contam que os Bombeiros trouxeram água que as pessoas usavam para tomar banho. Vimos também a doação de galões de 20 litros de água tratada, para uso das PDIs.

Na parte da manhã, as embarcações costumavam chegar^{xlii}. O Conselho Islâmico servia papinha quente, havia baldes com água para lavar as mãos e água mineral para beber (20L). Distribuía-se KITS alimentares, 12L de água (6L+6L). Prestava-se apoio às vítimas. 4 ambulâncias estavam activas. Em menos de 40 min, saíram 3 ambulâncias com doentes para o hospital. Havia uma tenda com 8 camas, paramédicos, activistas. Todos(as) a ajudar. Havia, aparentemente, muita gente com diarreia.

Relato presencial da coordenadora da MULEIDE – Cabo Delgado

Relatos descrevem a aparente violência psicológica e patrimonial. Visivelmente, muito trauma e tristeza. Também foi presenciado um conflito interpessoal. Ao buscar informações, contaram que, ao embarcar, os donos do barco não aceitavam levar as pessoas sem pagamento antecipado. Se a pessoa

promettesse que iria pagar após o desembarque, tinha que pagar, sob pena dos donos dos barcos reterem os seus bens.

Doações voluntárias, garantiam o pequeno almoço, almoço e jantar das cerca de 300 pessoas deslocadas internas que, por não ter o valor do transporte para os Centros de Acolhimento ou convites para acomodarem-se em casas, permanecem na praia do Paquitequete.

As histórias de vida são diversas e mostram um pouco dos dramas enfrentados do local da fuga desesperada até ao destino desejado (Pemba). Fontes de informação notam que muitos familiares não conseguiram vir no mesmo barco e vieram a se encontrar na Praia do Paquitequete. Outros, estão à procura dos seus familiares. Relatos contavam que, no trajecto, haviam morrido algumas pessoas. Após desembarcar, algumas PDIs foram atendidas em uma tenda de 1^{os} socorros (montada na beira da Praia) e outras foram evacuadas para o hospital.

Relatos de casos ocorridos com PDIs, exemplificam alguns dos muitos desafios encarados:

Um senhor, com deficiência visual, chegou sozinho e a filha (5 anos) chegou em outra embarcação. A menor, desacompanhada, foi levada para a Esquadra. O pai, após um tempo de procura, foi direccionado pelas autoridades locais e encontrou a filha, na Esquadra.^{xliii}

Um senhor ligou ao sobrinho para comunicar que estava em Pemba. O sobrinho, ao saber que a mãe não havia chegado junto com o tia, não ofereceu a acolhida para a tia. Foi embora, sem pagar a dívida do barco (da tia e da filha). Elas duas permaneciam na praia, sem ter como sair por impossibilidade de pagar a dívida.^{xliv}

Um senhor, chegou com 2 crianças (alegando que são netos, de 5 e 6 anos). Contou que a mãe dos menores, foi levada pelos insurgentes e liberaram a eles três.

Um senhor contou que houve muitas mortes no local de origem, provocadas por diarreia.

Uma embarcação aportou com cerca de 30 crianças, desacompanhadas. Possivelmente, seus pais foram levados pelos “insurgentes”. Além do governo, ONGs que trabalham na área de protecção dos direitos das crianças estiveram presentes no local, para apoio emergencial.^{xliv}

Uma Rapariga (18 anos) grávida, teve o bebé 2 dias após desembarcar em Pemba. Após 3 dias no hospital, voltou para a praia de Paquitequete. Dormia em uma mini tenda, feita com sacos de arroz. Após o caso ter sido reportado, pela MULEIDE-Cabo Delgado às autoridades locais, a Rapariga, a Mãe e o bebé foram encaminhados para um domicílio.^{xlvi}

Ao chegar, uma mãe com duas filhas e seus bens, não pôde retirar os bens da praia pois ainda devia 200 mts ao dono do barco.

Um grupo de indivíduos prestou apoio, pagando a dívida do barco (1.000 Mts), de uma senhora com a saúde debilitada.^{xlvii}

PDIs – Participantes de grupos focais, Pemba e Metuge

3.3. Condições de vida das Pessoas Deslocadas Internas (PDIs), com foco para as mulheres e meninas

O relatos mostram que, ainda que exista uma sensação de alívio, por terem saído das zonas de conflito, são ainda muito fortes os desafios e sofrimentos que as PDIs enfrentam.

*Perdemos tudo; já não temos nada; tudo ficou para trás; aqui passamos a viver em péssimas condições
Grupo de homens e mulheres, Metuge*

Dado o contexto de múltiplas vulnerabilidades, traumas, necessidades e violações de direitos humanos, esta análise não se limitou aos critérios geralmente utilizados para definir “condições de vida” mas buscou ampliar a abordagem, incluindo os aspectos notados como chave para a melhoria da qualidade de vida das PDIs.

3.3.1. Moradia

Relatos das PDIs descrevem, de forma muito emocionada, que uma “Casa” é muito mais que um teto ou 4 paredes. “Casa” é também a comunidade. “Casa” é como uma referência de vida, sem a qual a vida parece perder o sentido. “Casa” também é o local das lembranças, da convivência com os entes queridos. E, no momento em que muitos morreram ou estão em destino incerto, a ideia de “Casa” passa a ser o resumo da vida que tinham, antes de iniciar os conflitos violentos. Ao lembrar da moradia, incendiada (“pelos insurgentes”), muitos relatam que perderam “tudo”, não têm mais

“nada”. Relatos notam que se sentem *perdidos, sem saber o que fazer, para onde ir*. Em um dos grupos PDIs reforçaram que o sentimento de liberdade só será sentido de novo quando tiverem uma “Casa”

Quando tivermos um terreno para construir nossa própria casa, estaremos livres!
PDI – Participante de grupo focal

A falta de uma moradia (permanente), foi agravada pelas condições impróprias para dormir. Foi recorrente a reclamação da dificuldade de dormir no chão (em muitos casos, sem cobertura ou esteira). Também foram relatadas dificuldades pois em uma tenda podem dormir até 5 famílias. A falta de privacidade foi uma barreira identificada, inclusive, para que os casais tivessem momentos de intimidade e prática sexual, notada por algumas mulheres como uma parte importante da vida, para aliviar as preocupações (*não conseguimos atender as nossas necessidades porque nas tendas estão duas famílias diferentes com crianças; íamos para o mato; aqui a prática do sexo é difícil, pois todos dormem juntos*)

Conforme ressaltado nos grupos de mulheres (Pemba), a maioria dorme no quintal, outros no alpendre das casas. A época chuvosa que se aproxima, foi também colocada como uma grande preocupação. Mulheres PDIs que chegaram a Metuge recentemente, e que não tinham tenda, contaram que, quando chove, são obrigados a se refugiar na casa dos “vizinhos” (ou seja, pessoas que já têm tenda).

As PDIs que estão em domicílios (em Pemba) notaram que estão alojadas no quintal (poucas relataram dormir dentro da casa). O desconforto relatado não é só de não ter um teto ou camas para dormir. Relatos de PDIs notam muitas dificuldades, tanto nas relações com os donos das casas como para a distribuição de recursos domésticos. Por exemplo, em alguns casos foi notado que as PDIs não podem usar os fogões (*o dono tem fogão dele*) e que, para comer fazem uma estiva na praia ou na estrada. Foi notado que muitos dos donos(as) das casas também *não têm nem para eles*.

Durmo fora, quando chove passo mal!
Não estamos seguros, querem que paguemos 3 mil/mês.
Nós não temos onde apanhar dinheiro para a renda.
Fui acolhida por uma pessoa desconhecida

Relatos de homens e mulheres deslocados(as) internos,
em Pemba

Foi explicado que o fato de estarem nos quintais e não dentro das casas, dificulta muito a privacidade, tanto para as relações íntimas entre os casais como para trocar de roupa após o banho. Algumas pessoas estavam em busca de pequenas tendas, para colocar no quintal, da casa onde vivem.

3.3.2. Condições para o descanso e lazer

A dificuldade de dormir foi um factor muito ressaltado, como grande barreira na vida das PDIs. Lembraram que as noites sem sono não iniciaram agora (Em Pemba ou Metuge) mas já acontecem há meses ou anos. Relatos contam que no distrito de origem já tinham dificuldades de dormir ou passaram as noites nas matas, muito antes de fugir das zonas de origem. Embora algumas pessoas tenham ressaltado que *o sono agora é melhor*, devemos notar que a comparação era com quando dormiam nas matas ou nas suas casas (após os ataques já terem atingidos Aldeias vizinhas). Relatos emocionados, lembram que “no mato” (a noite) uns revezavam, em pé, enquanto outros dormiam, para prevenir dos ataques ou de animais.

A falta de condições para o descanso, seja por ter que dormir no chão (com ou sem esteiras, ou em um solo “com covas”) ou pelos traumas, medos de ataques ou preocupações com o futuro, mostrou ser um factor que piorou muito a condição de vida destas pessoas (incluindo muitas grávidas e idosas) desde que iniciaram os ataques (portanto, há mais tempo do que a Chegada em Pemba ou Metuge). A sequência de noites mal dormidas e o desgaste psíquico que esta acarreta gerou muita preocupação da psicóloga (DPS – Pemba) e que merece a atenção mais atenta, de especialistas na

área de psicologia. Além disto, constituem barreiras para que as pessoas possam ter uma atitude de resiliência e de coragem, para refazer a vida, quando as condições forem criadas para tal. Alguns relatos de PDIs, como exemplos destes desafios são:

O chão ter muitas covas dificulta o sono.

Sempre dormimos assustados, pensando na guerra

Vivemos com medo, assustamos, muito mais quando a tropa dispara.

Não conseguimos apanhar sono nas noites, estamos com muito medo.

Estou há 3 anos sem dormir por medo da guerra.

Dormimos melhor, não corremos dum lado para outro.

Perdi meu filho e meu marido e fico a pensar muito, não apanho sono, penso em tudo que aconteceu nas nossas casas.

Desde que dei parto durmo no chão. No princípio, dormia ao relento mas fui doada uma tenda.

Não dormimos bem, assustamos a noite, medo de novo ataque, vi meu filho e meu amigo a serem mortos. Não me sinto seguro.

Apesar do sofrimento de não dormir bem, aqui tem um pouco de tranquilidade.

Pessoas Deslocadas internas – Participantes de grupos focais

Sobre o lazer, a maioria disse que enquanto estiverem neste sofrimento, não conseguem dançar ou brincar. Apenas em um dos grupos (mulheres e homens) foi dito que gostariam de dançar uma dança tradicional, ao redor da fogueira. Contudo, lamentaram que, no centro, é proibido fazer qualquer barulho a partir das 16h.

3.3.3. Emprego, renda e trabalho não(mal) remunerado

Para além de toda a violência presenciada, o maior lamento (unanimidade entre as mulheres e homens deslocados internos) é o fato de não haver uma ocupação (*aqui, é só sentar e dormir*), agora que estão nos Centros de acomodação ou em domicílios temporários. As PDIs que estão nos domicílios notam que, um agravante é a situação de vulnerabilidade económica dos(as) próprios(as) donos das casas em que estão, já que muitos não têm trabalho (renda fixa) e, desde Março, as medidas de prevenção da COVID 19 vieram somar-se à crise económica que já existia, por ocasião dos conflitos e outros factores. Este cenário colocou a presença das PDIs como um factor a mais, em um contexto já de crise económica e falta de emprego para os donos dos domicílios.

Em geral, tanto as PDIs em Pemba como em Metuge, lembram que, nos distritos de origem, *tinham suas machambas, faziam pequenos negócios para sustentar seus filhos, tinham o mercado local para fazer seus negócios. A maioria reforça que a situação piorou muito, com relação ao acesso a renda. Com excepção de alguns casos, em que homens fazem biscates (Exemplo: homem que conseguiu continuar serviços de Carpintaria ou mulheres fazem pequenos negócios de venda de bolos e ervilha) as PDIs ouvidas ressaltam que não têm nenhuma ocupação. Tanto os homens quanto as mulheres disseram desconhecer qualquer tipo de apoio, para início de pequenos negócios.*

A falta de uma ocupação mostrou-se uma das principais barreiras enfrentadas pelas pessoas deslocadas, não só do ponto de vista da subsistência (ressaltada a necessidade de dinheiro para o sustento ou início de pequenos negócios) mas também porque, dado o forte impacto psicológico identificado (traumas, preocupações, insónia, etc.), a falta de uma ocupação prejudica a recuperação e a resiliência, faz com que as pessoas percam a esperança e não tenham outros pensamentos, se não os que levam aos traumas sofridos.

Estamos sem dinheiro, gostaria de fazer algum negócio, para refazer a vida.

Pessoa deslocada interna - grupo de Mulheres, Metuge

Para além da falta de trabalho, foi também notada a ocorrência de trabalhos não pagos ou mal remunerados. Em relação ao primeiro, ao descrever o dia a dia, as mulheres que vivem nas casas contaram que acordam as 5h para varrer o quintal, e fazem o *trabalho de casa. Também foram oferecidas trabalho na machamba, para capinar em troca de 100 meticais, por um dia inteiro de trabalho.*

3.3.4. Saúde, higiene e acesso à água e saneamento

Saúde	Água, Higiene e Saneamento
<ul style="list-style-type: none">• Em Pemba, foi notado como barreira, a falta de Bilhetes de Identidade, por parte das PDIs. Em Metuge, não foram ressaltadas dificuldades de acesso aos serviços de saúde.• Em relação ao COVID-19, constatados nos Centros de Acolhimento (Metuge) desafios para o distanciamento social. O uso de máscaras não foi notado com frequência e muitas das pessoas entrevistadas não haviam compreendido as mensagens para a prevenção da COVID-19. Outros, ouviram falar das máscaras e da necessidade de distanciar, contudo, notaram que dificuldades financeiras ou de acesso aos serviços básicos impossibilitam o acesso à água e uso das máscaras.• Em relação as doenças, a maior preocupação das pessoas contactadas é a tensão alta e ataques cardíacos. Notado que algumas PDIs estão muito stressadas e podem morrer em decorrência do sofrimento que vivem. Enfatizada a preocupação com as pessoas idosas e doentes crónicos, que tiveram muito desgaste para caminhar ou deslocar.• Em um dos Centros, notada a tendência de doenças frequentes entre crianças, incluindo a picada de insectos ou cobras (não sabem exactamente).• Mulheres lamentaram que desde que chegaram (3 ou 6 meses) ainda sentem a dor nas pernas, em decorrência dos dias de caminhada, durante a fuga.• Outros sintomas físicos mencionados por diversos PDIs incluem: dor nas articulações, joelhos e braços; dores de barriga; contracções nos membros; asma; dores da coluna; dores dos ossos; dores de cabeça.• Identificadas mulheres e raparigas grávidas ou com bebé. Algumas (em Pemba), têm dificuldade de acompanhamento hospitalar, por falta do BI.	<ul style="list-style-type: none">• Em Pemba, constatada como principal dificuldade o fato da água ser geralmente vendida, por preços que não possibilitam o banho diário.• Em Pemba, durante a entrega de doações, presenciamos mais de 100 pessoas que vinham receber uma doação de frangos, em uma Escola (local limpo e com boa higiene). Observou-se que a maioria das pessoas (incluindo o chefe do bairro) estavam sem máscaras e pegavam os donativos sem uma higiene apropriada.• Em Metuge, o acesso à água existe na maioria dos Centros, mas PDIs notaram que os furos de água não são suficientes, pois dividem a água com a população do distrito. Em um dos Centros^{xlvi}, a fontenária está avariada e mulheres relataram que caminham até longe para buscar. Observação do contexto, mostra que crianças também fazem a função de buscar água, com galões muito pesados para o corpo/peso delas.• Nos Centros de Acolhimento existem casas de banho/latrinas construídas com material local e não houve reclamações neste sentido. Dificuldades de acesso à água e saneamento foram notadas em um dos Centros, cedido como terreno e que as pessoas estão a construir, sem apoio para latrinas (alegaram ter recebido somente o terreno, sem recursos para construções de latrinas, fontenárias, casas, etc.).• Em um Bairro de Pemba, existem 2 tendas fechadas (que abrigam cerca de 50 pessoas mas não são formalmente chamadas de Centro de Acolhimento). As condições de saneamento (latrinas) ou acesso à água são deficientes. O local também é longe dos serviços de saúde, sem transporte público.• Algumas PDIs contaram que estão acostumadas com a prática do fecalismo a céu aberto, mas têm medo, pois “a polícia proíbe”.

3.3.5. Condições psicológicas e espirituais

As trocas de experiências e ideias partilhadas entre as pessoas deslocadas demonstrou a existência de um fenómeno que é extremamente preocupante, que é a condição psicológica fragilizada em que a maioria deles(as) se encontra. Através da abertura e confiança que tiveram, ao abrir suas emoções para a nossa equipa, a maioria das pessoas deslocadas partilhou suas *vivências*, expressando fortes traumas, preocupações e sentimentos de tristeza, desespero, ansiedade e medo. A raiva, não foi fortemente explicitada, possivelmente pois a manifestação deste sentimento manifesta-se visivelmente quando há um certo grau de informação sobre os direitos, individuais ou colectivos. Uma das constatações foi também a de que as pessoas não estão cientes dos seus direitos relativos

aos problemas que enfrentam (como pessoas deslocadas internas) e desconhecem os mecanismos para reivindicá-los.

Ao analisar a diversidade do contexto (étnico, geográfico, padrões de género, desigualdades socioeconómicas), nota-se que, ainda que sintam e manifestem de forma diferenciada, em geral, as PDIs demonstraram um estado de enorme sofrimento, com a presença de fortes traumas (serão analisados no próximo capítulo). Precisam de apoio psicológico, para além do social e económico.

Mesmo que a gente consiga comer, não estamos bem..

Grupo focal de homens e mulheres, Metuge

O certo é que mentalmente, não estou bem.

Homem, grupo focal misto, Pemba

Foram diversos os relatos de que passam *o tempo todo pensando* e vale notar que a tendência ao isolamento foi identificada, por diversas vezes.

Estamos sempre pensando: o que há de ser para nós no futuro?

Grupo de homens e mulheres, Metuge

As múltiplas preocupações são também preocupantes, no sentido do stress que causam, para cada uma destas pessoas deslocadas. Alguns dos relatos incluem:

Andamos preocupados com medo e insegurança

Nos prometeram terreno e até agora nada!

Estamos preocupados em regressar para as zonas de origem, temos falta de machamba, casa e comida.

Pessoas Deslocadas internas – Participantes de grupos focais

Por uma perspectiva de género, vale notar que as preocupações dos homens e mulheres mostraram-se diferenciadas. Por exemplo, dentro do papel social de provedor, os homens demonstraram uma grande preocupação com encontrar formas de *levar qualquer coisa para casa* (no sentido de conseguir meios de subsistência). Também pela forma que foram socializadas, as mulheres expressaram preocupações com os ritos de iniciação (*as meninas que estão no tempo de ser “cerimoniadas”, como vão fazer? Como vão fazer para solucionar esses problemas?* Vale referir que, um dos homens colocou a opinião de que *eles (homens) conseguem dormir mas na parte das mulheres não conseguem, são as mais preocupadas com a situação*. O restante das pessoas, homens e mulheres do grupo, concordou com esta opinião.

Em termos de apoio, a maioria expressou que gostou do encontro e de poder falar. Contudo, ao agradecer pela nossa presença, a maioria reclamou que este era o primeiro encontro deste tipo, que era *a primeira vez que uma equipa para conversar conosco, para ouvir nossas preocupações*.

Em um dos Centros, ao final da sessão, fomos chamados por uma das mulheres idosas, que pediu ajuda, em relação a uma rapariga, que perdeu o marido e o filho e *tem falado em suicídio*. Ao conversar com a rapariga, confirmamos a gravidade do caso e a psicóloga da DPS ficou a dar seguimento. Contudo, identificamos que não existe ainda um projecto que possibilite a assistência contínua e emergencial, em casos como estes, que ocorram nos Centros de Acolhimento de Metuge.

A empatia também foi notada, de forma muito positiva, já que todos(as) mostravam a vontade de ouvir uns aos outros(as), partilhar ideias e buscar, conjuntamente, soluções. Em 2 dos grupos (Pemba e Metuge) foi explicitada alguma esperança. Em um foi dito que *no início ficávamos triste, com medo e actualmente estamos a superar*. Pelo pouco tempo da sessão (grupo focal), não foi possível identificar se esta é uma tendência daquele Centro, Aldeia, ou mesmo opiniões isoladas. É importante, contudo, como parte do processo de apoio e resiliência, identificar as pessoas que estão conseguindo superar, tentar entender os mecanismos, para poder desenvolver formas de apoio psico-social mais adequadas ao contexto.

Espiritualidade

A parte espiritual é uma dimensão da vida das pessoas deslocadas internas, que foi muito ressaltada e merece atenção e melhor compreensão, por parte dos fazedores(as) de políticas públicas de apoio às PDIs. Ainda que possa parecer um âmbito secundário, muitas pessoas reforçaram que é uma área chave da vida, sem a qual as outras dimensões da vida não tendem a melhorar. É preciso, ainda, melhor diferenciar espiritualidade de religião (e, no caso específico deste contexto de conflito, deixar muito claro que de religião e espiritualidade são totalmente diferentes de extremismo religioso ou fundamentalismo terrorista).

Este tema foi colocado de diversas formas. Por exemplo, homens e mulheres mostraram preocupação de que, costumavam fazer rezas e promessas e não sabem como podem dar continuidade a estas práticas onde estão no momento. Em uma outra perspectiva colocada, as PDIs mostraram-se tranquilas, do ponto de vista espiritual, por acreditar que, assim como os corpos físicos, *os espíritos se deslocaram junto com a gente*.

Sentimos falta da reza, lá era líder da mesquita, aqui não conseguimos.

Não estamos preocupados com mesquita, mas com o bem-estar.

Pessoas Deslocadas internas – Participantes de grupos focais

Foram identificadas diferenças geracionais, que devem ainda ser compreendidas. Por diversas vezes, as mulheres idosas, reforçaram a estreita ligação com práticas tradicionais do local de origem, dizendo que, algumas, só podem ser feitas na Aldeia, como é o caso da limpeza das campas, as cerimónias em árvores tradicionais (Baobá e outras, com sentido espiritual de ligação com os ancestrais). Outro exemplo (identificados nos grupos alargados, com diversidade étnica e de idade) apontou para uma tendência, das pessoas mais jovens, mostrarem uma ligação espiritual mais ligada à prática da reza (em estabelecimentos religiosos ou em casa), do que tratamentos com ervas ou tradicionais. Desta forma, tanto raparigas quanto rapazes, de todos os grupos, reforçaram que não sentem a necessidade de voltar para a Aldeia para manter a conexão espiritual, pois podem continuar a rezar, onde estão.

Algumas PDIs (jovens, adultos e mais velhos/as) disseram que rezam em suas tendas, e que acreditam que Deus/Alah, estará com eles, em qualquer lugar. Em geral, disseram que ainda não frequentam a igreja ou a mesquita. Embora o tema não tenha sido aprofundado, foi citado que não conhecem *onde rezar* ou não sabem se podem ir à igreja ou mesquita, por causa das restrições do distanciamento social (COVID-19). No caso dos Centros de Acolhimento, as pessoas reforçaram que fazem as rezas no local, seja individualmente ou com a família. Em um dos grupos, todas as pessoas disseram que têm ido à igreja ou mesquita.

Um aspecto notado com muita emoção foi a preocupação, no caso de eventuais falecimentos de algum familiar no Centro, que terão de *dar banho (parte cerimónia de falecimento, incluindo as rezas)* na tenda. – Contou-se que, na ocasião do falecimento de uma vizinha (também PDI), o Governo local apoiou, mas os vizinhos não foram ao local para dar o apoio (prática tradicional em todas as zonas da Província): *Fomos nós mesmos a enterrar*, contaram, indignadas as 2 PDIs que estavam na ocasião. Outra parte da vida espiritual notada em directa ligação com suas aldeias de origem diz respeito ao uso de *ervas* tradicionais, que não podem ser encontradas, no local que estão. Também foi citada a dificuldade de fazer os tratamentos com médicos tradicionais ou curandeiros pois *aqui, cobram muito dinheiro*.^{xlix}Sobre os tratamentos de saúde, em todos os grupos foi ressaltado que acreditam e têm frequentado os hospitais e Centros de Saúde, enquanto em alguns casos, preferem usar os recursos da medicina tradicional: *tenho ido à igreja rezar. Quando estamos doentes recorreremos ao hospital*.

Algumas das principais preocupações das mulheres, sobre a melhoria da condição espiritual, foram relativas ao *madjini* (manifestação espiritual)!. Segundo diversos relatos, mulheres passaram algumas noites acordadas, nos Centros ou casas de acolhimento. Contaram que quando acontecia (na terra de origem) tratavam com batuque e dança. Em um dos grupo de mulheres, falaram: *da parte de madjini, estamos a passar mal, não podemos fazer nada porque cá não tem ervas para tratar madjini*.

Outras falas e opiniões partilhadas pelas mulheres incluem:

Lá fazemos cerimónias, aqui no Centro não. As campas ficaram lá atrás, não há como voltar.

Deixamos as campas, lembramos dos nossos antepassados.

Os nossos espíritos andam connosco.

A parte espiritual não está bem, pois temos dívidas com os espíritos.

Penso na limpeza das campas; Sinto falta de varrer campas, não posso voltar à casa, por causa da guerra

Tenho madjini, deixei panelas e ervas. Sinto muita falta, aqui chamo pessoas para bater palmas.

Não sei se não vou morrer por não fazer cerimónia de tratamentos de madjini.

Quando adoço vou ao hospital e peço aos meus espíritos para me salvar da doença.

Pessoas Deslocadas internas – Participantes de grupos focais

Por fim, dizer que existe uma preocupação das mulheres mais novas com as mais velhas, Uma delas contou que a *mãe foi levada ao hospital, e acusou tensão alta. Segundo a filha, a velha pensava nas coisas que deixou lá na zona de origem, campas dos filhos que não podia limpar*

3.3.6. Subsistência: Alimentação e produtos de 1ª necessidade

Em geral, conforme já dito, a maioria das PDIs chegou em Pemba ou Metuge sem nenhum dinheiro. Alguns contam que as crianças choram com fome. Em poucos casos, foi dito que existe um familiar que tem uma renda fixa e pode ajudar.

Sobre os benefícios ou doações distribuídos como parte das acções de emergência humanitária, foi um consenso, em todos os grupos, que as doações não estão a chegar devidamente para as PDIs. Em Pemba, os relatos contam que são as pessoas locais é que estão a receber os benefícios ou cheques. Algumas pessoas receberam uma vez (quando chegaram em Pemba) e depois deixaram de receber (não sabem o motivo). Um factor que dificulta (por exemplo o recebimento dos cheques) é a falta do BI. Relatos contam que chegaram ao local e o cheque tinha sido retirado por outra pessoa (não sabem explicar como isto acontece). Da parte das mulheres, houve a reclamação de que com os cheques, devem comprar só em um local (segundo elas, os preços são mais altos que em outros estabelecimentos comerciais) e só o que está na lista. Outros produtos de 1ª necessidade, como pensos, não têm conseguido acesso.

Nos Centros de Metuge, a reclamação é mais direccionada para a quantidade insuficiente de alimentos por mês ou por não haver diversificação dos alimentos. Relatos notam que as doações em alimentos repetem o mesmo produto (arroz e ervilha, por exemplo). Alguma famílias disseram também que os critérios (por número de familiares) nem sempre é justo, pois algumas famílias, com menos pessoas, recebem maior quantidade. Como resultado, PDIs contam que vendem um pouco de arroz da doação para as pessoas locais, *para tentar comprar peixe ou variar o carril. Isso faz nas escondidas porque é proibido a venda de produtos doados.*

A maioria das PDIs não sabia quais são as instituições que fazem as doações, e, portanto, não sabem onde podem reclamar, quando verificam que não estão a receber. Outros(as) citaram que algumas doações são feitas pela Cáritas, PMA e que conhecem a linha verde (alguns já fizeram reclamações).

Na opinião da maioria dos(as) entrevistados o maior problema está no fato de que a responsabilidade de distribuir os produtos está com o chefe do quarteirão e não existe um controle externo desta distribuição. Ficou também claro que as PDIs não sabem os direitos que têm e nunca receberam palestra ou informação sobre o que/onde podem fazer alguma reivindicação/reclamação. A falta de BI também foi um factor citado como desafio para a devida distribuição dos benefícios. Segundo as opiniões partilhadas, pessoas locais aproveitam que não existem os BIs e levam os donativos, no lugar das PDIs.

Uma outra situação colocada, nos domicílios, é a alegação de que os donos da casa por vezes recebem algumas doações (por estarem a alojar PDIs). Segundo os relatos, alguns donos das casas partilham

as doações com as PDIs e outros não partilham, entregando apenas as sobras, para as PDIs. Por Fim, em Pemba, foi relatado que alguns vizinhos têm ajudado as PDIs com alimentos, vestimentas, utensílios domésticos. Outros vizinhos *discriminam, dizendo que vieram trazer a guerra para Pemba (Anakotho!)*

3.3.7. Vestuário

A falta de roupas foi colocada como um factor que tem dificultado bastante a vida das PDIs e foi identificada como uma das principais necessidades, em todos os grupos. Em Metuge, a falta de vestuário tem restringido algumas pessoas de tomar banho (pois dizem que não faz sentido tomar banho para colocar a mesma roupa). Em Pemba, a falta de roupas dificulta a procura de trabalho ou a venda de produtos nas ruas.

A falta de vestuário coloca as PDIs em exposição a situações de vulnerabilidades diversas (por exemplo, a exposição a doenças respiratórias, dermatológicas, a baixa autoestima, dentre outras)

3.3.8. Documentação e identidade

O facto da maioria das PDIs não ter conseguido trazer o Bilhetes de Identidade tem dificultado a vidas das PDIs, em diversos sentidos. Exemplos identificados foram: procura de emprego; acesso ao Hospital (controle, para as mulheres grávidas); recebimento dos benefícios do INAS ou outros benefícios de protecção social.

Relatos de mulheres e homens notam ainda um sentimento de humilhação, quando são parados pela polícia e mal tratados ou discriminados(as), quando tentam explicar os motivos pelos quais não têm BI. Este sentimento de discriminação também foi dado como exemplo pelas mulheres, quando vão ao hospital, ou levar o cheque de benefícios/doações, percebem que outra pessoa levou no lugar delas. A comprovação que o cheque é delas é difícil sem o BI.

É preciso notar que a falta de documentação é um aspecto muito sério a se levar em consideração pois restringe a própria relação da pessoas com a sua identidade original, com impactos inestimáveis para a falta e auto-estima, dignidade humana, sentimento de pertença a sociedade Moçambicana, trazendo o grande risco da pessoa não ter legitimada a sua própria existência como pessoa.

3.3.9. Segurança

Pelos debates nos diversos grupos, constatou-se que o entendimento sobre “segurança” vai além de estar longe dos conflitos violentos, e inclui a segurança alimentar, segurança social, segurança em relação a moradia, etc. Na maioria dos grupos foi um consenso de todos(as) a opinião de que não estão seguros.

Sobre a segurança em relação à violência dos conflitos, a maioria das PDIs entrevistadas acham que estão mais seguros (ideia de que *aqui não existe “Alshababe”*). Diversas mulheres referiram a uma maior segurança onde estão, por não ter que dormir na mata (como relataram ter feito, nos últimos meses). Contudo, as opiniões sobre a segurança física divergem, já que diversas PDIs demonstraram ter medo do conflito chegar até Pemba ou Metuge. Diversos relatos contam que basta ouvirem um barulho, sentem-se assustados(as). Homens e mulheres deslocadas mencionaram que a insegurança e o medo pioram quando sabem que houve mais um ataque (nas regiões de onde vieram).

Alguns dos relatos sobre a condição de segurança incluem:

Estávamos cansados de passar a noite nas matas, dormir nas matas, fugindo de terroristas.

Sentimos seguros porque não há guerra.

Não sinto seguro, pois vi a morte dos meus amigos.

Não estamos seguros, somos mandados embora das casas que estamos a viver.

Pessoas Deslocadas internas – Participantes de grupos focais

A sensação de insegurança também foi constatada quanto ao desejo de ter uma decisão quanto ao futuro (local de moradia, notícias dos familiares ainda desaparecidos, etc). Em um dos Centros de

Metuge, PDIs contaram que *o Governo nos deu esse terreno para construir casas*. Contudo, lamentaram não ter uma segurança sobre o uso e aproveitamento da terra: *não temos papel que diz se o terreno é nosso mesmo*.

Em relação à segurança nos Centros de Acolhimento, em geral, foi dito que existe segurança através dos policiais que guardam os Centros. As PDIs mostram desconfiança, contudo, em relação aos policiais fardados, já que, segundo relatos, no contexto de conflito, *não se sabia quem era “alshababe” quem era polícia*. Foi referido, que, por não ter lanterna, sentem medo, para sair para a casa de banho, à noite.

Por fim, a insegurança foi também referida quanto ao início da época das chuvas e ao facto de alguns Centros serem localizados em zonas pantanosas^{li}.

3.3.10. Condições e desigualdades económicas

Durante os debates dos grupos (misto e de mulheres) as PDIs lamentaram que, nos Centros de Acolhimento, quem tem algum dinheiro consegue viver com melhores condições que as outras famílias. Por exemplo foi dito que *quem tem dinheiro consegue uma esteira*. O mesmo foi colocado em relação à tenda ou à possibilidade de comprar outros produtos alimentares (peixe, matapas, tomate, etc.) para complementar o que recebem de doação.

Em Pemba, foi colocado que, quem tem alguma renda ou apoio financeiro consegue alugar uma casa. Para muitos(as) ter uma casa para viver é tudo que gostariam no momento.

Em um dos Bairros de Pemba, onde existe PDIs em domicílios e em tendas, foi relatado que o tratamento entre os que estão nas tendas e nas casas é desigual. Segundo os relatos, as pessoas que estão nas tendas recebem mais doações. As PDIs alojadas em casas, sentem que *aqui, a ajuda humanitária é mais difícil de chegar*.

3.3.11. Relações sociais e interpessoais

Os relatos de PDIs também reforçaram que piorou as condições das relações, seja entre familiares ou entre PDIs e pessoas da casa em que vivem no momento. Entre familiares, foi colocado que o actual momento de crise tem deixado todos(as) muito stressados. Em um dos grupos, foi dito que alguns casais estão separando. Os homens, relatam serem cobrados pelas mulheres de ter que prover a subsistência da família.

Uma opinião geral é de que viver em casa das pessoas é uma solução apenas temporária, pois, com o tempo as relações passam a não ficar boas. Muitas das pessoas entrevistadas relataram discriminação, tratamento desigual, maus tratos ou mesmo um sentimento de estar a fazer serviços/trabalhar diariamente para os donos da casa, em troca da moradia. Este último, merece atenção, já que constitui uma violação de direitos humanos.

Sobre as relações com os donos das casas, algumas excepções relataram que *as relações com os donos das casas são boas*. Algumas mulheres disseram que *onde vivemos somos amparados, os donos da casa nos dão o pouco que têm*. Em um dos grupos, reafirmaram que, *nas casas onde ficamos não sofremos discriminação, mas sim eles sentem pena de nós*. Contudo, muitos contaram que estão sendo muito difíceis as relações.

O relato de uma mulher, que indignou as outras do grupo, contou que, onde está é obrigada a comer comida estragada (*Se sobra comida, apodrece, não quer deitar*). Outros relatos incluem:

A relação não é muito boa, pois vivemos nas casas dos donos, onde nunca nos sentimos livres.

Vivo na casa do meu familiar, mas não há entendimento.

A relação não está bem, existem alguns que tratam bem e outros nada. Em suma, todos estamos a sofrer.

Temos muita dificuldade, viver em casa de dono com os filhos, é complicado. Estamos a viver com sofrimento.

Pessoas Deslocadas Internas – Participantes de grupos focais

3.4. Traumas, violações e discriminações nos contextos de conflito, deslocação e acolhimento

As múltiplas violações e traumas sofridos pelas populações são a parte mais dolorosa do contexto de conflitos violentos. Um olhar para estas duas dimensões do contexto actual de Cabo Delgado, por uma abordagem de género, nos remete aos acontecimentos; (a) no contexto original, de conflito violento; (b) no contexto de deslocação (fuga); e (c) no contexto de acolhimento de PDIs. Estes 3 momentos se cruzam e estão marcados nos corpos destas pessoas, seja através das violações como dos traumas sofridos.

3.4.1. Múltiplas Violações: Experiências no Contexto de Conflito, Deslocação e Acolhimento

São diversas as formas de violência sofrida por homens e mulheres, no contexto dos distritos que estão sendo alvo da “guerra” (“Khoto”, em Makua), que é como denominam as pessoas deslocadas internas o actual contexto de conflitos armados, violência extremista e terrorismo. Tendo como ponto de partida para a análise para tipificação das múltiplas violências sofridas pelas PDIs as formas de violência baseadas no género (física, psicológica, patrimonial, moral, sexual, económica, dentre outras), esta secção do relatório traz as principais formas de violência constatadas a partir dos relatos das pessoas deslocadas internas, com foco para as mulheres e meninas.

Perda da CASA: muito além da moradia, o alicerce da vida

Perdemos nossas casas! Esta foi uma das frases mais ouvidas, durante este trabalho de auscultação das PDIs. Em todos os grupos, mulheres, homens, rapazes e meninas deslocadas internas fizeram questão de enfatizar a imensa dor sentida, por terem perdido suas casas, seus lares, seus contextos comunitários e sociais. Questionados(as) sobre as violências sofridas, uma das formas de violência mais realçadas pelas PDIs foi a perda súbita das casas (que pode também ser analisada como uma *violência patrimonial*) dos lares construídos por gerações, pela população das Aldeias mais atingidas pelos conflitos violentos. Conforme demonstram algumas das falas abaixo, foi com enorme sofrimento que as pessoas deixaram suas casas, com todos os bens materiais (adquiridos por toda a vida e deixados pelos antepassados) e imateriais (Alguns deixaram seus entes queridos, na maioria pessoas idosas ou doentes crónicos, impossibilitados para a fuga).

Neste contexto, uma casa não é só um lugar material para moradia, mas o lugar onde a cosmologia, as tradições e os significados de vida destas pessoas foram constituídas, de geração para geração. Os antepassados, muitas vezes enterrados nos quintais das casas ou campos nas Aldeias, são parte integrante do sentido de vida das pessoas deste contexto.

*Nossas casas foram queimadas, Fugimos deixando tudo para trás, O barco foi incendiado, a casa
vimos tudo a arder em chama não conseguimos sair com nada também foi, canoas ficaram a arder.*

Pessoas Deslocadas internas – Participantes de grupos focais

Perda dos bens materiais

Como forma de preservar parte deste património (material e imaterial), muito antes do momento da fuga/deslocação, PDIs já vinham escondendo (enterrando) seus bens nas matas para poderem levar, quando chegasse a hora (*Nas noites dormíamos nos mangais, enterramos os bens*). Contudo, relatos emocionados contam que *quando os malfeitores chegaram de surpresa, ninguém imaginava, acabamos fugindo sem nada*. Eles(as) descrevem o momento que estavam a sair como um *momento de confusão, sem tempo de levar nada*. Ressaltam, além dos bens materiais, as perdas das vidas humanas e animais.

Violência física e extremista: crimes bárbaros presenciados pela população

Com traços e marcas vivas da luta pela sobrevivência, mesmos sem perguntarmos às PDIs descreviam as violências vividas. Em se tratando de crimes bárbaros e violações de direitos humanos, análises são prematuras, necessitam de confirmações e detalhes dos relatos. Os relatos descritos (alguns, descritos abaixo) são de enorme impacto para quem ouve. Mas, para quem vivenciou as situações, os

impactos são ainda imensuráveis. Os traumas são profundos e as incertezas sobre o futuro são marcas presentes na memória de cada mulher ou homem que teve que se deslocar, como forma de sobrevivência.

<i>Mataram meus filhos, fiquei com 7 netos, não tenho nada para comer, vestir, cobrir, levaram meus sobrinhos.</i>	<i>Enganaram que era uma reunião: 'nós somos vossos militares' e dispararam para a população, foram mortos muitos jovens.</i>	<i>A irmã foi pega junto com o marido e duas filhas, marido foi degolado e as duas meninas foram levadas para o mato.</i>
<i>O tio foi cortado a cabeça e o corpo estava do outro lado.</i>	<i>Perdi meu filho na guerra, decapitado.</i>	<i>Mataram meu amigo, por isso não sinto seguro.</i>
<i>Presenciamos uma das mulheres que foi morta.</i>	<i>Perdi meu pai, tio e irmão.</i>	<i>Meu tio, mataram os "Alshababes";</i>
<i>Mataram o irmão mais velho e não enterraram porque eles fugiram.</i>	<i>Viu o filho a ser assassinado, tem cicatrizes, de quando defendia o filho.</i>	<i>Mataram o marido da minha prima em frente dela e lhe entregaram a cabeça do marido.</i>
<i>Existem famílias inteiras que foram mortas pelos insurgentes.</i>	<i>Durante a fuga, alguns vieram de barcos, algumas pessoas afogaram e morreram.</i>	<i>Meu marido ia para o Ibo, o barco foi metralhado.</i>
<i>Mataram o irmão, alguém que viu é que disse</i>	<i>Foi morto o irmão, o outro conseguiu fugir.</i>	<i>Presenciamos muitas mortes, de filhos e sobrinhos</i>

Pessoas Deslocadas internas – Participantes de grupos focais

Violência física da longa caminhada de fuga

As PDIs descreveram a longa caminhada, desde as zonas de origem até Pemba ou Metuge como um tipo de violação. Conforme colocado em um dos grupos: *Pessoas com trouxas na cabeça é violência, passaram por sofrimento para chegar até aqui.* Também foi relatado que muitos familiares não conseguiram fugir juntos: *nem todas crianças conseguiram sair juntos, mais tarde nos encontramos nas matas.* Outros, contudo, relatam que ainda não encontraram seus familiares. Nos outros grupos, a percepção foi similar, de que, ao analisar as violências sofridas, não se pode apenas olhar para o contexto de origem e para o actual, mas também para o trajecto (a pé, de barco ou carros), o processo de fuga e deslocação, que foi de muito sofrimento e violência (física e psicológica), conforme os relatos abaixo:

Saímos de Mocimboa da Praia a pé e ficamos nas matas um mês. Pelo caminho, encontramos pessoas nas matas.

De Mocimboa para cá, 30 dias a pé, a dormir no mato

10 dias, de Quissanga à Pemba a pé.

Caminhamos 4 dias, de Quissanga a pé até Metuge, sem saber onde ir, o que comer, com trouxas na cabeça.

Trazíamos bagagens e outros deixaram pelo caminho

Andamos 5 dias sem comer, nem beber, é violência.

Pessoas Deslocadas internas – Participantes de grupos focais

Raptos, aliciamentos e paradeiros desconhecidos

Ao ouvir as pessoas deslocadas internas, são muitos os relatos de pessoas desaparecidas. Raptos, paradeiros desconhecidos e aliciamentos de jovens em um contexto de exclusão e vulnerabilidade. Conforme descrito em um grupo misto: *não conseguimos chegar todos, outros estão perdidos e outros morreram no caminho.* Estes são temas sensíveis, que necessitam de análise cuidadosa e aprofundada, para melhor compreensão e criação de estratégias para que se possa cumprir com o maior desejo expresso mulheres e homens deslocadas, de identificar o paradeiro de seus familiares. Descritos abaixo, relatos de algumas mulheres deslocadas internas são exemplos do que se passou.

A filha de 10 anos do tio foi levada por “eles”. Vim com 07 crianças, e não sei do paradeiro do meu marido até hoje

Vim com o meu filho: mataram meus irmãos. Desta Aldeia 06 membros, foram raptados para as bases.

Não vieram todos, outros ainda estão no mato, alguns deixaram os seus filhos. Muitos tiveram que deixar seus familiares que não conseguiram prosseguir e ficaram lá nas matas.

Não vieram todos, outros perderam a vida, outros estão dispersos. Estava na machamba com o pai, pegaram o pai, até hoje não sabem se o pai está vivo ou não.

No mato, pegavam crianças de 8, 12, 14 anos. Vim com meu marido e minha filha. As outras crianças não conseguiram e não sei onde foram.

Pessoas Deslocadas Internas – Participantes de grupos focais

Desigualdades: determinantes de quem tem a opção de viver

Os relatos de PDIs demonstram que, para além das desigualdades de género, factores como poder económico, idade e deficiência foram também determinantes para definir quem teria a possibilidade de seguir a caminhada em busca da sobrevivência. Conforme descrevem os relatos abaixo, enquanto as pessoas que tinham dinheiro puderam fugir antecipadamente ou pagar um transporte para a família viajar até a capital provincial, outras pessoas, como pessoas idosas e deficientes tiveram dificuldades ou não conseguiram fugir.

<i>As pessoas que tinham dinheiro, pegavam um carro, cada um pagava 500mts.</i>	<i>Não vieram todos, outros são velhos que não conseguem andar ou ficaram por teimosia.</i>	<i>3 pessoas, mais velhas, morreram pelo caminho.</i>	<i>Meu pai não conseguiu fugir</i>	<i>Eu vim com os meus filhos, menos com os meus pais.</i>
---	---	---	------------------------------------	---

Pessoas Deslocadas internas – Participantes de grupos focais

Deve-se notar que, na condição actual de deslocados, também constatou-se estas desigualdades. Por exemplo, pessoas que não têm nenhuma renda e nem estão a receber doações, alegaram tanta necessidade (*há um mês sem comida*), que tiveram que aceitar trabalhos para capinar em uma machamba, das 15h as 17h, em troca de 100 meticais. Mulheres deslocadas, que vivem em casas também contaram que estão a ser *feitas de empregada*, em troca de comida.

As mulheres idosas também estão a sofrer muitas dificuldades, já que muitas delas estão sozinhas, a cuidar dos netos (pais faleceram ou estão em destino incerto), sem condições físicas para trabalhar e precisando de ajuda para a própria sobrevivência. Em um dos grupos (Pemba), uma idosa passou mal e depois contou que não comia há 2 dias, pois, o que consegue de comida, prefere dar aos netos.

Além da desigualdades económicas e de idade, as diferenças religiosas também são factores determinantes da violência extremista. Um jovem, católico contou, muito emocionado, que perdeu a filha “catanada”, em decorrência de ter sido encontrado com a Bíblia. Perguntaram: é cristão ou muçulmano? Ele explica. Ao chorar, contou que, até hoje, não sabe onde está a campa da filha. Contou ainda que algumas pessoas da vila o denunciaram como cristão e, segundo ele, a filha pequena sofreu com a própria vida. Relatos contam ainda que, além das casas, foram *queimadas igrejas e deixaram as mesquitas*.

Múltiplas discriminações

Em alguns casos, a discriminação é vista como violência, por parte das Mulheres deslocadas internas. Em um dos debates em grupo de mulheres, todas contavam como foram discriminadas. Reforçando umas as outras, mulheres notaram que: *existe a violência sim!* Como exemplo contaram que, este Centro específico onde as PDIs e pessoas locais utilizam a mesma fontenária, quando as mulheres deslocadas internas chegam ao poço e pedem balde para tirar a água, a resposta tem sido: porque não fugiram com

os vossos baldes? Aqui ninguém vai vos emprestar baldes! Relatos contam que *aconteceram algumas lutas*, nos poços.

A corrupção como forma de violência

Como meio de sobrevivência actual, o acesso à doação foi enfatizado, sempre com a mesma reclamação: de que quem está a receber as doações são as pessoas nativas. No caso do benefício de cheques (para compra de produtos em estabelecimentos comerciais pré-estabelecidos), algumas pessoas relataram ter chegado para receber e serem ditos que já haviam recolhido. A falta de Bilhete de identidade é uma barreira para que as PDIs possam provar que são elas as beneficiárias.

Restrições de acesso às condições básicas de saúde

Ao tratar da saúde como um direito universal, a pandemia da COVID19 acabou por ter um impacto de violência psicológica e física (de saúde) para as PDIs, pois, dada as condições de extrema vulnerabilidade e limitações de acesso a recursos (informação, renda, alimentação, higiene, água, saneamento, moradia condigna, etc) existem riscos para as PDIs. Estas pessoas ficam expostas a uma situação delicada, onde elas são chamadas a cumprir com regras de prevenção (da COVID 19, da cólera, da malária, etc) sem que tenham as condições mínimas para tal.

Tipos de violência que afectam as mulheres, em particular:

Alguns relatos de violência sexual (que precisam ser bem compreendidos e confirmados) incluem:

- Crianças que trocam sexo por dinheiro ou por comida;
- Assédio sexual em troca de doações (chefes pedem sexo em troca da senha para as doações);
- Mulheres adultas que são exploradas, por fazer sexo em troca de valores muito pequenos ou em troca de alimentos para seus filhos;
- Um morador do Bairro de Pemba que “aproveita das mulheres deslocadas” (faz sexo em troca de pequenos valores ou comida e bate nelas, caso elas neguem.

Também identificados casos de violência extremista selectiva baseada no género. Relatos neste sentido incluem:

Minha filha foi raptada.

Levaram uma menina;

Os malfeitores quando levam homem, matam logo. Vale a pena mulher, raptam e se tiver bebé homem, matam logo.

Esses “Alshababes”, quando pegam homens, matam, mesmo se for bebé homem, matam.

Eles quando pegam velhas, batem e perguntam “onde deixaram macarrão?” Macarrão é mulher jovem

Rapazes de 16 à 17 anos, mais velhos, matam. Raparigas de 15, levam com eles.

A filha de 16 anos grávida foi pega pelos os insurgentes e conseguiu escapar, fugiu.

Quando entram nas comunidades levam as meninas, os rapazes são mortos, os homens mais velhos são mortos.

Quando entram nas comunidades, levam as meninas, os rapazes são mortos, os homens mais velhos são mortos.

Os malfeitores vinham levar criança de 12 à 15 anos para raptar e violar.

Pessoas Deslocadas Internas – Participantes de grupos focais

Sobre as percepções do significado/entendimento de “violência”/“violência baseada no género”, identificou-se a necessidade de aprofundar a diferença entre “violência” e algo que “não é bom”, ou que não gostam. Quando colocamos a questão de quais eram os seus direitos, as respostas não eram claras e por vezes eram compreendidas como sinónimo de “deveres”. Em geral, as mulheres disseram que nunca receberam uma palestra sobre género nem sobre direitos e afirmaram que seria importante. PDIs disseram que, na situação que estão, não sabem *se podem queixar ou não*.

Sobre a ocorrência de violência baseada no género, nos Centros ou nas casas onde estão hospedadas, a maioria disse que ainda não aconteceu. Contudo, em um dos Centros houve um relato de um caso de

violência doméstica (*uma mulher levou porrada com o marido e ninguém acudiu*). Quando isso acontece, os chefes é que resolvem. Disseram que quando há um registo de um caso, recorrem aos chefes do Centro, e que foi criado um tipo de tribunal comunitário, com membros da zona de origem. Este é um grande desafio para o combate à violência doméstica, dado que é um crime público e que não pode ser resolvido informalmente. Segundo os relatos: *não vão a nenhum sítio, os chefes estão aqui mesmo. Os chefes ouvem as pessoas, e quando eles “desconseguem”[não conseguem resolver], levam para a esquadra de Metuge*

3.4.2. Impactos Psicológicos: Traumas e Discriminações Sofridas como Barreiras para a Resiliência

Traumas, medo e ansiedade: entraves para reconstrução da vida no contexto pós-conflito

Durante uma das sessões com as pessoas deslocadas internas, uma criança atirou uma manga para cima do telhado da Escola. O barulho foi o suficiente para 5 pessoas agacharem-se, assustadas. O restante do grupo, gritou, de susto. Após terem percebido que era somente uma manga, homens e mulheres deslocados(as) comentaram, aliviados(as): *aqui, qualquer barulho, assusta!* Conforme notado por mulheres:

Como neste grupo, em todos os outros, tornou-se visível que, os traumas sofridos, permanecem presentes, a cada momento e que as condições de vida destas pessoas não tendem a melhorar enquanto não tiverem algum apoio psicossocial, especializado para traumas neste contexto.

Padrões de masculinidade revisitados após o conflito

Uma análise de género para este contexto de múltiplos traumas chama a atenção não apenas para os fortes impactos nas mulheres e raparigas mas também para mudanças nos padrões de masculinidade e o impacto nos homens e rapazes os quais, pela situação de extrema violência e sofrimento, foram forçados a mostrar a sua fragilidade humana e deixar um pouco de lado os rígidos padrões de masculinidade, aprendidos pela tradição e orientados pelo forte sistema patriarcal que determina as relações de poder, nos contextos de origem das PDIs. Por exemplo, foi uma grande surpresa, para todos os presentes, quando um dos homens, de etnia Makonde, chorou, em frente das mulheres e homens presentes, a contar o sofrimento e lembrar de ter presenciado o irmão ter sido decapitado, em sua frente. Um outro homem, de origem Makua, também se emocionou, enquanto lembrava que sua filha foi morta em sua frente, alegadamente, pois ele portava uma bíblia.

A tendência de divórcio entre PDIs também foi um tema de debate. Aparentemente, existe uma pressão de muitas mulheres, para que os maridos consigam prover as necessidades da casa, como faziam no contexto de origem. Homens, em desespero, contavam o quanto tem sido difícil, quando a esposa pede algo de comer *e não tenho como comprar*. Um deles disse para o nosso grupo: *este não é o meu corpo: desde que vi meu pai morrer na minha frente, eu não tenho vida!* Nota-se ainda um caso de um rapaz jovem, que ficou quase uma semana sem comer, pois na casa onde está diziam: *estão a comer sem contribuir*. Agradeceu, que uma vizinha o ajudou.

A perda dos bens mostrou ser um trauma de forte impacto psicológico para as PDIs. Conforme resumo da psicóloga da DPS, membro da equipe deste mapeamento:

Todos relatam sofrimento de viver com medo, insónia, tristeza por pensar em bens deixados nas zonas de origem, medo e insegurança e medo de novos ataques, relatam casos de um adulto que morreu por depressão pós-trauma, preocupados com o futuro.

Sintomas identificados, associados aos traumas (físicos e psicológicos) incluem: dormir em alerta, assustar facilmente, dores nas articulações e na coluna, palpitações e tremores, insónia, falta de apetite, dores de cabeça, susto, batidas de coração, insegurança, medo de novos ataques. Conforme relatos, o coração (no sentido das emoções), tem sido muito afectado com esta situação:

O coração não fica bem, quando cheguei, vi meu avô morrer, ele tinha problemas de tensão alta.

Por medo, nem dá para andar, dói o coração, a cabeça dói, desde que estamos aqui. Sempre assustamos a pensar que são eles.

Para muitos(as) PDIs, as imagens que chegam em pensamentos, após ter presenciado mortes, de forma bárbara e violenta dos seus entes queridos, parece não sair da memória. O impacto é psicológico mas também espiritual, pois o fato de não fazer as cerimónias de falecimento parece ter um impacto de não cumprir com um rito de passagem, que socialmente acontece para aliviar o sofrimento dos que ficam e do espírito da pessoa falecida. A não realização de cerimónias de falecimento pode ter um impacto muito forte, ainda não devidamente percebido pelos especialistas que prestam apoio psicossocial as estas pessoas. Segundo registos dos tradutores, sobre este debate, em um dos grupos mistos:

Algumas famílias presenciaram os seus entes queridos a serem mortos, outros nem conseguiram enterrar os corpos dos seus familiares

No momento da fuga, separou-se da sua esposa e filhos, nesta semana teve a informação de que os filhos estão em Palma e a esposa faleceu. Não tem dinheiro para ir ver a campa da esposa e nem como mandar vir seus filhos.

A mulher conta que, durante 3 anos do terrorismo, sempre dormia nas matas, tinha mais medo dos terroristas do que dos animais do mato, como leões e cobras.

Lá sempre vivíamos com medo, com criança no colo e, logo às 16 horas, tínhamos que fugir para as matas.

Muitas mulheres perderam o marido, alguns mortos e outros elas não sabem onde estão (dizem que podem ter sido levados).

Ficaram a guardar os corpos 5 dias em cima das árvores, quando os "Alshababes" foram, desceram para enterrar.

Muitos tiveram que deixar familiares que não conseguiam prosseguir e ficaram nas matas

Não apanho sono, tenho 3 netos que estão nas matas.

A mulher perdeu os seus familiares, nem sabe do seu paradeiro, pelo caminho faleceu o filho. No momento, pensa em suicídio.

Desde, não sabe do paradeiro do seu marido;

Todas PDIs disseram que, nos últimos 3 anos, dormimos no mato.

Pessoas Deslocadas Internas – Participantes de grupos focais

Múltiplas discriminações: desafios da coesão social e do respeito à diversidade

Em paralelo às dificuldades de *sobrevivência* e para ultrapassar as violências e traumas sofridos, as pessoas deslocadas internas estão a enfrentar outro desafio: a discriminação. Em todas as entrevistas em grupo, tanto mistos como somente de mulheres, foram enfatizadas como grande barreira para a melhoria das vidas das PDIs as discriminações que crianças, pessoas adultas, mulheres, homens ou idosos ou jovens têm estado a sofrer. Conforme explicado, a percepção é de que

Foi reforçado o desafio, tanto em Pemba como em Metuge, da presença de conflito entre PDIs com as pessoas "naturais". Na altura da busca da água e são chamados "anakotho", "alshababe". Uma mulher explicou que quando chamam de "anakotho" querem dizer que estão a trazer a guerra (*anakotho, querem nos trazer "alshababes"*). Contudo, sendo um contexto complexo, estas terminologias merecem ser estudadas.

São diversos os exemplos de como estas discriminações têm acontecido, e diferentes termos utilizados, carregados de preconceito e discriminação utilizados, nas relações do dia a dia, como formas de tratamento entre as pessoas locais (neste caso, moradores(as) de Pemba ou de Metuge) e as PDIs.

Exemplos de como as mulheres e raparigas sentem, nos Centros de acolhimento, esta discriminação incluem os momentos de ir buscar água ou passear pela vila: *somos discriminadas, nos insultam, chamam nos "anakotho", "anatala"* ("esfomeado", em Makua). O debate entre as mulheres ressalta que, contudo, deve-se ter cuidado para não generalizar. Ainda que em número menor, algumas PDIs estão a ser bem

tratadas e não têm experienciado discriminação. Conforme reforçou uma mulher idosa deslocada interna: *a vizinhança nos ajuda quando pedimos carril, não sentimos a discriminação, não somos insultados.*

Um factor importante a ser melhor analisado, diz respeito à geração e à experiência histórica da população local (de Pemba ou Metuge). Em um dos grupos (Metuge), homens e mulheres concordaram que, possivelmente, um diferencial para haver ou não a discriminação é a idade. Segundo esta reflexão, *quem viveu a guerra não diz: “anakotho”!* Esta fala expressou a opinião do grupo, de que quem está a discriminar as pessoas deslocadas são maioritariamente pessoas jovens, que *não viveram o período de guerra e não conhecem o sofrimento da guerra. “Anakhoto”ⁱⁱⁱ vem de pessoas que não sabem o que é guerra, disse um senhor.*

Os relatos reforçaram que as crianças têm sido fortes vítimas de discriminação. Em um dos grupos, todos os membros reforçaram que as crianças levam porrada quando saem do Centro para ir buscar manga, são chamados de “Anakotho”, “Anatala”. Meninas e rapazes deslocados(as) internos(as) também reclamaram e contaram suas experiências próprias, das discriminações sofridas, por parte das pessoas jovens/adolescentes da comunidade local: Quando queremos jogar, não permitem, disse um dos rapazes. Citaram que em um campo de futebol, quando vão jogar a bola, são expulsos, dizem: porque não levaram o vosso campo para vir jogarem a bola? Contudo, no debate em grupo foi também falado que nem todos discriminam, existem alguns que nos amparam, outros não.

Em um dos grupos, uma mulher, com lagrimas nos olhos reforçou: *não escolhemos sair de casa sem nada, eu fugi da guerra, dos insurgentes!* Diversas mulheres deslocadas internas (Metuge) mostraram muita preocupação com seus filhos e crianças em geral, dizendo que quando as crianças brincam são chamadas de “alshababes”. Outro tipo de discriminação, foi identificado em Pemba, dentro das famílias, que acolhem as PDIs. Uma das formas, relatadas por algumas mulheres é que quando cozinham, os filhos dos donos da casa dizem que *não estão a saciar* por causa das PDIs (pois estão dividindo a comida da casa). Uma das mulheres, que se encontra em Pemba, contou emocionada que lá onde vive: *nos chamam refugiados esfomeados! (“Anatala”!)*

A discriminação de base religiosa também foi ressaltada. Por um lado, algumas mulheres relataram que um dos grupos que ofereceu doações procurou primeiro saber qual era a nossa religião. Este tipo de discriminação também foi referido quanto aos actos de *violência extremista, onde pessoas católicas (ou não praticantes do islamismo) foram decapitadas, alegadamente, após serem identificadas pelos terroristas como não muçulmanas.* Num dos debates foi notado que *em Mocímboa, nenhuma igreja ficou, queimaram todas e só deixaram as mesquitas.* Em um dos grupos de mulheres, algumas católicas (de etnia Maconde), disseram que querem ir rezar mas desde que chegaram em Pemba, não foram a igreja pois têm medo de serem discriminadas. Neste sentido, foi também identificado algum preconceito de base étnica. Relatos de pessoas de uma determinada etnia reforçam a sensação de que não são amparados. Algumas disseram que são discriminadas triplamente, por serem *makondes, deslocados de guerra e cristãos.*

Alguns relatos, de mulheres, incluem:

<i>Somos discriminadas nos chamam de “alshababes”, somos xingados quando vamos tirar água.</i>	<i>Sou insultada pelo dono de casa, nos chamam de “turma”, “refugiados”, “fardo” (vakutu, kuta, inyondo).</i>	<i>No local onde tiramos água, os nativos colocam tiras e feijão macaco (Rapariga)</i>	<i>A polícia local nos proíbe de brincar (Rapariga)</i>
<i>O dono da casa onde vivemos, nos mandou</i>	<i>Sofremos discriminação com as donas das casas,</i>	<i>Onde vivemos, quando cozinhamos, os filhos da</i>	<i>Estamos a passar mal, nativos, dizem: venderam o</i>

embora, ele quer a casa dele e nós não temos onde ir, com as crianças. as vezes comem e não nos dão, até deitam na lixeira (Mulher idosa) casa dizem que não estamos bem por causa das pessoas que estão nas nossas casas. vosso distrito, estão aqui para nos incomodar com os nossos homens.

Isolamento, um sintoma preocupante

Relacionado ao sentimento de discriminação, foi ressaltada uma reacção de isolamento. Em um dos grupos (Pemba), explicavam conjuntamente que ficam isolados pois vivem nas casas “dos donos”, em quintais emprestados. Mulheres contaram que existem PDIs que estão sendo expulsas das casas, alegadamente, pois não estão a contribuir na comida e/ou não conseguem receber o apoio das doações.

Foi também lamentada a discriminação em relação ao momento do falecimento. Em um dos relatos, o grupo contou que faleceu um ente querido do grupo de PDIs. A Estrutura do bairro apoiou mas os vizinhos, naturais de Pemba, não apareceram. As PDIs se sentiram isoladas, pois a percepção é de que o momento do falecimento é o que mais pode transmitir o apoio da comunidade. Contudo, debates em grupo mostraram que existem situações diversas. Por um lado, PDIs disseram que não estão a ser excluídos pelos vizinhos e que estes apoiam com o que podem. Outros(as) disseram que recebem apoio da vizinhança. Foi lembrado, contudo, que todas as pessoas (mesmo as locais) estão em crise e não têm muito para contribuir com as PDIs.

Capítulo 4. Necessidades prioritárias e mapeamento preliminar de acções de apoio às PDIs

4.1. Principais Necessidades

A abordagem de género deste mapeamento trouxe para a recolha de dados sobre as necessidades das pessoas deslocadas internas (PDIs) uma perspectiva que vai além das necessidades materiais e de subsistência. O forte impacto psicológico das violências sofridas e traumas também trouxe à luz diversas necessidades (como a paz, viver em igualdade e boas relações, etc.) que, antes de iniciar esta vivência de conflitos violentos, as pessoas não tinham como necessidades prioritárias.

Uma primeira necessidade apontada, por todas as pessoas ouvidas foi **a Casa**. Conforme já notado, a casa para as pessoas deslocadas, deixa de ser vista apenas no sentido material, de uma construção, mas passa a ser um local de referência de vida, para a família, para as pessoas queridas, para a comunidade. Conforme ressaltado em um grupo (de homens e mulheres) *a casa é a primeira necessidade para abrigar a família*. E é deste sentido de “abrigo” que estão a sentir mais falta.

Outra necessidade apontada por todos(as) foi **a Machamba**. Falavam de *alimentação, comida*. Contudo, foi colocado que a machamba traz, além da alimentação, a *oportunidade de negócio*. Junto com a Machamba, foi notada a necessidade de ferramentas (catanas e enxadas, etc.) e os *terrenos*.

Machamba para produzir comida, porque amanhã as ofertas vão acabar e com a produção vendemos alimentos.

Não existe nenhuma oportunidade porque não temos machambas.

Pessoas Deslocadas internas – Participantes de grupos focais

Por terem saído das suas zonas sem seus pertences, uma terceira necessidade apresentada, por todos os grupos foi **a vestimenta** (*quando fugimos não levamos roupa*). A maioria referia para vestir mas também citaram como forma de negócio -“Calamidade”). E os utensílios domésticos (panelas, bacias, etc.) e também as camas e esteiras e redes mosquiteiras. Especialmente para as mulheres, as capulanas são uma prioridade também.

Diversas pessoas entrevistadas enfatizaram a necessidade de utensílios domésticos básicos, como fogão, panelas, colheres, copos, pratos, etc. Ao descrever estes bens, muitas mulheres ficaram emocionadas, expressando o sofrimento de terem deixado todos estes utensílios, que já tinham conseguido comprar, aos poucos, durante toda a vida. Uma outra necessidade ressaltada pela maioria das PDIs é o bilhete de

identidade (BI). O fato de não ter documentação dificulta o acesso a outras necessidades (emprego, hospital, etc.). O dinheiro (para suprir as necessidades básicas, foi também ressaltado, por todos os grupos, especialmente quanto identificaram como prioridade a oportunidade de pequenos negócios (*Não temos meios para iniciar alguma actividades*))

A necessidade do dinheiro foi dada como exemplo para iniciar a venda de produtos (diversos exemplos). Nota-se que a referência foi sempre para a necessidade de “biscates”. O trabalho fixo não foi citado em nenhum grupo, possivelmente pois é visto como uma possibilidade ainda muito longe da realidade. Algumas mulheres contaram que têm procurado ‘biscates’ (por exemplo, lavar roupa) mas não conseguem. Em dois dos grupos as mulheres disseram que entram no *mato a procura de árvores para o fabrico de carvão*. A criação de frangos foi um dos tipos de negócio mais citados, como necessidade prioritária.

Outras necessidades variavam de acordo com o centro ou região: Água, por exemplo, foi uma necessidade prioritária nos bairros de Pemba (onde água é vendida) ou em um dos Centros de Metuge. Em um dos casos, a fontenária está avariada e as mulheres reclamam de *ir tirar água longe*. Em outro Centro, o acesso a água é insuficiente, pois o “furo de água” abastece também a comunidade local, o que ocasiona filas.

A latrina foi apontada como necessidade prioritária apenas em um dos Centros, que foi cedido como terreno e que as pessoas estão a construir (alegaram ter recebido somente o terreno, sem recursos para construções de latrinas, fontenárias, casas, etc). O Hospital foi colocado como necessidade nos Centros de Metuge que não estão perto do hospital (um dos centros está muito perto e não foi apontado como uma necessidade prioritária: *Aqui no centro, estamos perto de hospital*). Na Cidade de Pemba, o hospital foi apontado como necessidade prioritária, especialmente nos bairros com transporte público limitado e longe dos Centros de saúde.

Rapazes e raparigas tendem a escolher a escola como prioridade. Um dos rapazes escolheu como 1a necessidade e disse que dorme pensando no ano lectivo que está a perder. Nos grupos de mulheres, principalmente, a privacidade foi notada como necessidade prioritária, já que o sexo é visto como parte fundamental da vida.

A maioria dos grupos também ressaltou como necessidade prioritária um apoio para encontrar ou saber do paradeiro dos seus familiares. Segundo uma fala geral, de um dos grupos: *ninguém veio ajudar a localizar os nossos parentes*. Em outro grupo, foi enfatizado que *não viemos todos, a nossa família está perdida, não sabemos onde estão! Não viemos todos, os outros ficaram, outros estão espalhados*. O fato das famílias terem se separado e da incerteza sobre o paradeiro destas pessoas é um factor que tem abalado muito as PDIs. Quando perguntados se já houve alguém que viesse perguntar sobre os familiares ou um serviço para tentar contactar as familiares que se perderam no caminho, disseram que desconhecem. Em um dos Centros, a equipa presenciou uma criança perdida. Um senhor, também deslocado interno, estava a percorrer, voluntariamente, todos os Centros de Metuge para perguntar se alguém conhecia aquela criança.

Como não podia faltar, uma grande necessidade citada foi a do alcance de mecanismos para garantir a paz e a segurança: *estamos a pedir para terminar com os conflitos e voltar para casa!*

4.2. Acções Desenvolvidas Actualmente de apoio às Pessoas Desalojadas Internas

Em meio a este cenário tão desolador, preocupante e de graves violações de direitos humanos, incluindo os direitos das mulheres e das raparigas, foram identificadas acções já em curso, para responder a diversos dos desafios partilhados pelas PDIs. São diversas as acções realizadas por organizações, que se enquadram em dois critérios complementares: (a) organizações de apoio as PDIs e (b) organizações que realizam acções para a promoção da igualdade de género e direitos das mulheres e raparigas.

Este mapeamento identificou organizações que fazem actividades de apoio às pessoas deslocadas internas e que estão comprometidas com a promoção dos direitos das mulheres e raparigas. Para que possam ser criadas estratégias para acções coordenadas e sustentáveis, será necessária uma análise conjunta da compilação das acções realizadas por parte das instituições.

Capítulo 5. Foco nas mulheres e raparigas: algumas especificidades e papéis nas acções de resiliência

Em um ambiente de extremas e múltiplas vulnerabilidades humanas, os debates (grupos mistos) sobre quem é mais afectado pela situação actual, é complexo. Algumas PDIs (incluindo mulheres) notaram que *o sofrimento de homem e mulher é igual*. Um dos homens, contudo, ganhou a concordância do grupo ao *ressaltar a opinião de que o sofrimento de mulher é maior!* Como exemplo, um homem deslocado interno notou: *Muitas mulheres conseguiram fugir com crianças e trouxas e homens só correram*. Em seguida, outro homem disse que *Aqui [no Centro de acolhimento] a mulher não consegue dormir, mas nós, homens, dormimos*.

A reclamação geral, de homens e mulheres (Pemba e Metuge) é de não terem uma actividade. Algumas mulheres, contudo, ressaltaram que, mesmo sem muitas tarefas a realizar, as mulheres é que ficam com muitas das tarefas do dia-a-dia. Algumas mulheres e homens, contudo, disseram que: *cozinhar é natural da mulher*. Sendo necessário um aprofundamento sobre as relações e desigualdades de género ocorridas no dia-a-dia das PDIs, notamos abaixo, para reflexão futura, algumas das falas das mulheres deslocadas internas:

Mulheres sofrem mais que os homens.

Mulheres e homens sofrem da mesma maneira.

Era diferente, matavam homens e as mulheres deixavam.

Homens não ajudam nas tarefas, mulheres tiram água, cortam lenha, com crianças no colo.

Os casais não estão bem por falta de negócios, os homens preferem divorciar das suas esposas por não conseguirem trazer alimentos.

As mulheres que sofrem mais, nas nossas casas quem fazia trabalho era a mulher, com criança no colo, o marido sentado. Na machamba ela é que carrega tudo.

O sofrimento é o mesmo, aqui, ambos estão sentados, quando estavam lá fazíamos trabalhos diferentes mas contribuíamos para a casa.

Sofrimento entre mulher e homem é igual, a diferença é que os homens são mortos e as mulheres são levadas para serem suas mulheres

Papéis das mulheres nas acções de resiliência

Nos grupos de mulheres foi enfatizado que não existem mulheres aqui que estão na liderança da comunidade de pessoas deslocadas, *só são homens chefes locais e não vientes*. Em um dos Centros as mulheres disseram que se sentem amparadas pelos *chefes locais e donos da aldeia*. Em outro contexto (Bairro, de Pemba), outras mulheres disseram *não existem mulheres na liderança, os líderes são donos da terra, nós não temos voz ou palavra*.

Presenciamos o momento em que estavam a marcar para o dia seguinte, em um Bairro de Pemba, a primeira reunião dos PDIs de um dos distritos afectados pelos conflitos. O objectivo era de organizar e ter um representante, para ajudar no assunto da distribuição das doações. Em geral, as mulheres disseram que seria um homem, pois não existem lideranças mulheres no local.

Em outro Bairro, nossa equipa presenciou uma mulher deslocada interna forte, que começou a denunciar a entrada de pessoas locais para participar dos grupos focais. Esta mulher, logo ajudou a dividir quem era deslocado(a) e quem era local. Ela disse: esta actividade é para nós e não para as pessoas daqui, *nós estamos a sofrer e precisamos ser ouvidas também!* Com a reacção desta liderança feminina, o chefe do bairro (que já foi um ponto focal de género distrital) saiu da sala, valorizando a posição desta liderança mulher deslocada e explicou para as pessoas presentes que existem actividades específicas para apoiar

às PDIs. Contudo, nem todas as mulheres mostraram esta força de reivindicar seus direitos. Algumas disseram que quando têm problemas, têm medo, preferem manter-se caladas.

Quanto às diferenças entre homens e mulheres nos contextos de conflito e pós conflito, identificou-se:

- Pela forma com que foram socializadas, as mulheres tendem a se preocupar muito com a família, as pessoas idosas têm maior dificuldade de deixar o local de origem.
- Relatos notam que, no momento de fuga, os homens conseguiam fugir e as mulheres eram as mais preocupadas com os filhos e que as mulheres é que sofrem mais, pois não têm força para correr, já que preocupam também com as crianças.
- Mulheres grávidas ficaram mais vulneráveis, no momento da fuga. Uma rapariga contou que a mãe deu parto no mato. Outra disse que *durante a fuga, a sua filha grávida acabou dando parto pelo caminho*
- Mulheres tendem a estar muito abaladas psicologicamente. Em um dos grupos, diziam que estão muito tristes e com medo, pois viram pessoas ser mortas e algumas enterradas em valas comuns.
- Apesar de não haver diferença biológica que diferencie a capacidade de sentir e emocionar, pela forma que foram socializadas, notou-se, no grupo de mulheres um impacto emocional muito grande, com expressões abertas de sentimento, como forma de partilha de dores, que são comuns a todas.
- Alguns homens consideram que as mulheres é que sofrem mais violência.
- Notado que, as mulheres foram ensinadas que elas é que cozinham e os homens foram ensinados a procurar dinheiro para sustentar a família.
- Preocupação de que mulheres idosas estão em depressão. Muitas ficaram a cuidar sozinhas crianças, pois os pais faleceram ou estão em local desconhecido.
- Algumas necessidades são específicas das mulheres (ex: penso ou tratamentos de saúde sexual e reprodutiva) e precisam ser incluídas como partes dos kits de doação e apoio especializado às PDIs.
- Algumas raparigas (crianças) dizem que já têm um noivo (*que tem vela, tem medo de desfazer a vela*). Este pensamento tradicional, que actualmente é considerado crime de união prematura, merece toda atenção. Algumas mães mostram a preocupação com as cerimónias e casamento das filhas, sem que fosse incluído no debate o fato dela ser ainda criança. Em geral, as mulheres disseram que nunca receberam palestra sobre direitos das mulheres e das raparigas.
- Identificadas raparigas grávidas mulheres ou com filhos recém nascidos dormindo no chão, ao relento.
- O acompanhamento da gravidez assim como dos problemas de segurança alimentar e nutricional necessitam de atenção especial, com risco de afectar a saúde das mulheres e dos bebês.
- Pela forma que foram socialmente criadas (contacto com a natureza, mais presente nas pessoas mais idosas) um factor que abala especialmente as mulheres idosas tem sido a preocupação com as campas, coqueiros/árvores tradicionais.
- Papéis de género (como, para algumas, papeis de levar lenha e, para todas, o papel de cozinhar) têm a tendência de criar sobrecarga de trabalho das mulheres, em comparação com os homens, já que o seu papel preponderante (esperado socialmente) de provedor, não está sendo cumprido, por falta de oportunidades. Neste contexto, mulheres reclamaram que os homens devem partilhar as tarefas domésticas e não apenas “sentar”, enquanto elas trabalham.
- Como exemplo positivo (para o caso específico onde as PDIs estão a construir as casas), as mulheres disseram que na construção, trabalham os dois: elas transportam o material de construção que os maridos cortam, para construção de casas. Uma das mulheres disse: *a época da chuva está a chegar, não temos tempo de sentar, temos que trabalhar todos juntos!*
- Pelo papel social de cuidar da família e do domicílio, algumas mulheres ficaram com a responsabilidade de cuidar de crianças cujos pais morreram ou estão desaparecidos. Estas mulheres precisam de apoio, pois esta “função social” pode gerar um excesso de trabalho para as mulheres, que acumulam tarefas de produção e reprodução. A promoção da igualdade de género é importante

neste sentido, para dividir as tarefas entre homens e mulheres em um contexto com tantas crianças órfãs e vulneráveis.

Capítulo 6. Recomendações

Em complemento ao descrito nos capítulos anteriores, as principais recomendações deste e mapeamento são:

RECOMENDAÇÃO 1: Como actividade do Grupo temático de Género (FOCADE, coordenado pela MULEIDE – Cabo Delgado), realização de um workshop com as organizações que trabalham em Cabo Delgado, no apoio às Pessoas Deslocadas Internas e comprometidas com a promoção da igualdade de género e dos direitos das mulheres e raparigas. Objectivos:

- A apresentação de uma matriz compilada de acções recolhidas por esta pesquisa e definição de estratégia para coordenação das acções para a integração de género no apoio às PDIs;
- Planificação de uma campanha contra a discriminação de PDIs, incluindo a divulgação dos direitos das mulheres e raparigas deslocadas internas;
- Como preparação para este workshop, propõe-se:
 - (a) Com base no trabalho preliminar de revisão de literatura, criar um grupo de trabalho entre especialistas para elaborar um texto-base sobre a integração de género e direitos das mulheres no âmbito de acções de resposta aos conflitos violentos e violência extremista em Cabo Delgado, para apresentar no workshop, em forma de capacitação;
 - (b) Troca de experiências com lideranças regionais africanas da área de género sobre contextos similares, com o objectivo de recolher sugestões, boas práticas e identificar desafios/barreiras que poderão ser evitados em Moçambique;
 - (c) Identificação de uma especialista no tema de violência extremista e género de possa participar (virtualmente) do workshop e prover sugestões concretas.

RECOMENDAÇÃO 2: Criação e apoio a um grupo da sociedade civil de acompanhamento das doações e benefícios para as PDIs, composto por mulheres e homens deslocados internos, com o objectivo de monitorar a equidade (incluindo a equidade de género) no acesso destas pessoas aos benefícios. Este grupo deve também servir para:

- (a) Fortalecer as capacidades das PDIs de obter informação e reivindicar seus direitos;
- (b) Fortalecer as capacidades das lideranças locais de prestar contas para as PDIs;
- (c) Fortalecer mecanismos transparentes de acompanhamento dos benefícios/apoios e exercício dos direitos humanos das PDIs.

RECOMENDAÇÃO 3: Sob a coordenação da DPS em parceria com o Grupo Temático de Género (FOCADE), criação de uma força tarefa para o apoio psicológico e social com uma abordagem de género para as PDIs, incluindo:

- (a) capacitações técnicas específicas, identificadas pelo grupo como necessárias para a boa realização do trabalho de apoio psico-social.
- (b) Criação de estratégia para promover a denúncia de casos de violência psicológica (na aplicação da Lei 29/2009, para casos de violência contra PDIs).

RECOMENDAÇÃO 4: Apoio institucional através de um ponto focal provincial com o papel de coordenar e acompanhar cada acção/fase do MAI (Mecanismo de Atendimento integrado às mulheres vítimas de violência), incluindo (TdR):

- (a) Facilitação do trabalho colaborativo entre a MULEIDE, LDH, AMMCJ, IPAJ, Tribunal, Procuradoria, PRM-GAMCVV, a DPSS-Departamento de Género e a DPS para o acompanhamento sistemático e coordenado de casos de VBG e violência sexual contra mulheres raparigas PDIs (nos Centros de Acolhimento, Domicílios ou no distritos afectados pelos conflitos violentos).

(b) Identificação de casos de violência sexual contra mulheres/raparigas ou violência baseada no género e encaminhamento do apoio (jurídico, psicossocial, de saúde, outros

Encaminhar os casos para o conhecimento das instâncias superiores de justiça.

(c) Para os casos que não envolvam a necessidade de garantir a privacidade da mulher/rapariga, divulgar através de Campanha nas redes sociais/rádio/TV, para fortalecer a visibilidade dos casos e gerar maior apoio para o combate à VBG e VS contra mulheres e raparigas, em Cabo Delgado.

(d) Apoio aos pontos focais dos distritos em conflito, em ferramentas de comunicação segura sobre casos de VBG.

RECOMENDAÇÃO 5: Com base neste mapeamento, detalhar as necessidades de mulheres idosas e raparigas deslocadas internas e identificar fontes de apoio para responder às suas necessidades.

RECOMENDAÇÃO 6: Realizar um encontro sobre “empoderamento económico das mulheres como estratégia de resiliência”, para a criação de estratégias conjuntas entre as organizações que trabalham com o tema. Objectivos:

(a) Identificação de actividades concretas

(b) Identificação de áreas que precisam de apoio

Com base neste mapeamento, buscar apoios para actividades como:

- Capacitações em gestão financeira com equidade de género;
- Micro-fundos para início de actividades comerciais e de empreendedorismo para Mulheres deslocadas;
- Trocas de experiências sobre “boas práticas” de empoderamento económico de mulheres deslocadas internas de outros países (através de comunicação virtual);
- Feira rotativa de empoderamento das mulheres deslocadas internas:
 - Apresentação das habilidades específicas;
- Venda de produtos;
- Capacitações e trocas de experiências entre distritos, visando o empoderamento e o fortalecimento da auto-estima, como estratégia de resiliência.
- Troca de experiências em técnicas de construção de casas com materiais resilientes;
- Criação de pontos focais de mulheres deslocadas internas empreendedoras, que possam estimular outras mulheres a realizar actividades comerciais ou ocupacionais.

ⁱ Fonte: Governo da Província de Cabo Delgado – Balanço do PES 2012

ⁱⁱ Fonte: [https://www.portaldogoverno.gov.mz/por/content/search/\(offset\)/10?SearchText=cabo+delgado+](https://www.portaldogoverno.gov.mz/por/content/search/(offset)/10?SearchText=cabo+delgado+)

ⁱⁱⁱ Fonte INE: IV Recenseamento Geral da População e Habitação (Apresentação Geral, em 29 de Abril de 2019)

^{iv} As Categorias “Outra” e “Desconhecida” somam 19.132 e 134.86, respectivamente. Fonte: Fonte: INE, 2017: QUADRO 11. POPULAÇÃO POR RELIGIÃO, SEGUNDO ÁREA DE RESIDÊNCIA IDADE E SEXO. PROVINCIA DE CABO DELGADO, 2017 - <http://www.ine.gov.mz/iv-rgph-2017/cabo-delgado/quadro-11-populacao-por-religiao-segundo-area-de-residencia-idade-e-sexo-provincia-de-cabo-delgado-2017.xlsx/view> (Acesso em 23/09/2020)

^v PES, 2020: 11. Governo da Província de Cabo Delgado

^{vi} Por exemplo, a Pesquisa sobre O Impacto da Implementação dos Megaprojectos de Hidrocarbonetos na Promoção da Igualdade de Género e dos Direitos das Mulheres E das Raparigas Em Cabo Delgado. Realizadas pela DPMAS Cabo Delgado, em 2013.

^{vii} *Maquenzi, Jerry & Feijó, João, (2019). Pobreza, Desigualdades e Conflitos no Norte de Cabo Delgado. Observador Rural nº 76. Observatório do Meio Rural.*

^{viii} Fonte: “Face ao Conflito no Norte, o que Moçambique pode Aprender da sua Própria Guerra Civil (1976 – 1992)”?

^{ix} Fonte: <https://www.presidencia.gov.mz/por/Actualidade/ADIN-vai-impulsionar-desenvolvimento-da-zona-norte-do-pais-PR> (aceso em 17/09/2020)

^x Fonte: <https://www.presidencia.gov.mz/por/Actualidade/Presidente-da-Republica-dirige-CNDS> (Acesso em 20/09/2020)

^{xi}Fonte: <https://www.presidencia.gov.mz/por/Actualidade/PR-dirige-Segunda-Reuniao-Ordinaria-do-CNDS> (Acesso em 20/09/2020)

^{xii}Esta legislação, contudo, não abarca especificamente os mecanismos de proteção social e dos direitos humanos das pessoas que sofrem violações resultantes (direta ou indiretamente) do terrorismo ou da violência extremista, sendo esta uma área que merece a atenção, incluindo o foco nos direitos das mulheres e meninas e na relação do terrorismo ou da violência extremista com a violência baseada no gênero.

^{xiii}Faz-se necessário uma consulta a especialistas, para melhor perceber como pode ser o enquadramento jurídico das ações de proteção das “Pessoas Deslocadas internas”, contudo, o que é certo é que estas pessoas estão sob a responsabilidade do Estado, que deve prover mecanismos de garantir os seus direitos fundamentais.

^{xiv}*A Violência Baseada no Gênero contra a População deslocada das zonas propensas a ataques militares em Cabo Delgado* (BETONE, Domingos Carlos, Julho. 2020:12)

^{xv}Dados baseados o relatório da OCHA (Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários) sobre a situação de Moçambique (atualizado em 10/09/2020). Fonte: <https://reports.unocha.org/en/country/mozambique/> (acesso em 26/09/2020). Tradução livre

^{xvi} Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários

^{xvii}O financiamento total necessário para o plano é de US \$ 35,5 milhões. Um total de US\$ 7 milhões já foi mobilizado por meio do Fundo Central de Resposta a Emergências (CERF), permitindo que os parceiros humanitários dêem início às operações com urgência em vista da rápida deterioração da situação na província.

^{xviii}IOM e INGC, 20 de Setembro de 2020. Mozambique - Cabo Delgado, Nampula and Niassa Provinces Results of the Baseline Assessment Round 5 - August 2020

^{xix} *A Violência Baseada no Gênero contra a População deslocada das zonas propensas a ataques militares em Cabo Delgado* (BETONE, Domingos Carlos, Julho. 2020)

^{xx}medida composta que mede a realização média nas três dimensões Básica— uma vida longa e saudável, conhecimento e um nível de vida digno – ajustado para reflectir as desigualdades entre homens e mulheres),

^{xxi}Fonte: O ESTUDO DE GÊNERO: Situação Atual das Mulheres em Cabo Delgado (MULEIDE E ACTION AID, 2015)

^{xxii}Fonte: ESTUDO DE GÊNERO: Situação Atual das Mulheres em Cabo Delgado (MULEIDE E ACTION AID, 2015)

^{xxiii}Fonte: Cluster Status - Dados baseados o relatório da OCHA (Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários) sobre a situação de Moçambique (atualizado em 10/09/2020 e em). Fonte: <https://reports.unocha.org/en/country/mozambique/> (acesso em 26/09/2020). Tradução livre

^{xxiv}Idem

^{xxv}Em relação ao Objectivo 1, foi avaliado que, para preservar a segurança do grupo alvo e da equipa, a análise nas causas e motivações do conflito violento deveria limitar-se à revisão bibliográfica.

^{xxvi}Para o Objectivo 3, a recolha de dados foi focada na compreensão sobre o papel das mulheres IDPs nos processos de resiliência, no contexto dos conflitos violentos em Cabo Delgado, sem que houvesse o estímulo à recolha de testemunhos que pudessem traumatizar ainda mais as PDIs (através das lembranças dos casos de conflito e violência extremista).

^{xxvii}Fonte: Método de análise de dados utilizado não somente para aumentar a credibilidade da recolha de dados qualitativos (ao implicar a utilização de dois ou mais métodos, teorias, fontes de dados), mas também possibilitar a apreensão do fenômeno sob diferentes níveis, considerando, a complexidade dos objectos de estudo (problemas complexos e condições de vida complexas) Flick U. Triangulation. Oelerich G, Otto H-U, editors. *EmpirischeForschungundSozialeArbeit*. Wiesbaden: VS VerlagfürSozialwissenschaften; 2011. p. 323-328, em: Santos, Karine da Silva, Ribeiro, Mara Cristina, Queiroga, Danlyne Eduarda Ulisses de, Silva, Ivisson Alexandre Pereira da, & Ferreira, Sonia Maria Soares. (2020). O uso de triangulação múltipla como estratégia de validação em um estudo qualitativo. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(2), 656. EpubFebruary 03, 2020.<https://doi.org/10.1590/1413-81232020252.12302018>

^{xxviii}Referências bibliográficas para o desenho da metodologia:

[Yaylaci S. Utilityof Focus Groups in Retrospective Analysis of Conflict Contexts. *International Journal of Qualitative Methods*. January 2020. doi:10.1177/1609406920922735](https://doi.org/10.1177/1609406920922735); Publicações da ReDSS: <https://regionaldss.org/index.php/research-and-knowledge-management/redss-publications/>; OECD (2015), *Avaliar as atividades de construção da paz em situações de conflito e de fragilidade: Compreender melhor para obter melhores resultados*, OECD Publishing, Paris,

<https://doi.org/10.1787/9789264248403-pt.>; UN Women Sourcebook on Women, Peace and Security: <https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2012/10/un-women-sourcebook-on-women-peace-and-security>;

OCHA – Relatórios do Cluster de emergência: <https://reports.unocha.org/en/country/mozambique/>

^{xxix}Neste contexto, a fase de revisão bibliográfica buscou identificar análises, baseadas em outros países e contextos similares, que possam contribuir ajudar na identificação de estratégias para responder ao complexo contexto de violência extremista, agravado pelas múltiplas desigualdades e vulnerabilidades, que atinge a população da Província de Cabo Delgado.

^{xxx} Este número inclui o Grupo focal piloto, realizado em Metuge, no Centro de Acolhimento de Bandar. Contudo, os resultados deste grupo não foram parte da análise, já que a metodologia foi aperfeiçoada após este grupo piloto.

^{xxxi}A metodologia previa entrevistas semi-estruturadas aprofundadas (Critério para escolha das fontes de dados: bola de neve - indicadas durante GFDs/ entrevistas) com mulheres severamente impactadas pelos conflitos e mulheres em posição de liderança.

Contudo, pelo grande sentimento de exclusão e desconfiança, identificado ao longo do processo de pesquisa, este método foi limitado aos contextos em que a houve possibilidade de realizar entrevista sem criar um sentimento de exclusão com outras PDIs

.
xxxii Fonte: relatos diversos de PDIs.

xxxiii Necropolítica é um conceito desenvolvido pelo filósofo negro, historiador, teórico político e professor universitário camaronense Achille Mbembe que, em 2003,

xxxiv As categoria aqui citadas não pretendem esgotar as possibilidades. Ainda que tenha sido complementada, esta lista de condições é baseada na seguinte fonte: Freitas, Tanise & Schneider, Sergio & Ramos, Marília. (2016). *Sociology of Living Conditions: a mid-range approach to development studies*. *Sociologies in Dialogue*. 2. 77. 10.20336/sid.v2i1.20.

xxxv Trabalhos de sensibilização de género na região mostram que, nestes distritos existia ainda uma dificuldade de garantir um equilíbrio entre a garantia da segurança alimentar (através do consumo de produtos diversos cultivados pelas famílias ou Associação de produtores) e as actividades comerciais. Em muitos casos, notava-se que as mulheres não tinham um poder de decisão sobre as culturas de rendimento e, os homens, muitas vezes tendiam a priorizar a venda de produtos (para a compra de outras prioridades), em detrimento da garantia da alimentação mais farta e diversificada da família.

xxxvi Optamos por usar a grafia que tem sido utilizada pela media e população local.

xxxvii Fonte: estimativa dada pelas organizações que ofereciam comida diariamente durante Observação da equipa do mapeamento

xxxviii Fonte: OCHA/ROSEA – update of IDPs Arrivals in Paquitequete – Pemba 061

xxxix Fonte: MULEIDE – Cabo Delgado

xl Fonte: MULEIDE – Cabo Delgado e Jornal O país: em 13 de Outubro, já haviam sido realocadas as pessoas da Praia de Paquitequete para outros Centros de Acolhimento

xli Fonte: Voluntário da Associação KWANDELEIYA, constituída por jovens voluntários/as e que foi uma das 1^{as} a chegar no local, para prestar socorro/apoio para as PDIs, em 16 de Outubro

xlii Em 22/10, até a hora que a MULEIDE esteve no local, havia chegado 8 embarcações

xliii Fonte: MULEIDE – Cabo Delgado

xliv Fonte: MULEIDE – Cabo Delgado

xlv Fonte: MULEIDE – Cabo Delgado

xlvi Fonte: MULEIDE – Cabo Delgado

xlvii Fonte: MULEIDE – Cabo Delgado

xlviii Um exemplo é a parte do Centro de acolhimento da aldeia de Ngalane, onde pessoas da etnia Maconde (vindas de Muidumbe, Macomia e Quissanga) disseram que *o governo alocou terrenos mas ainda não havia providenciado nenhum outro apoio (para a construção de casas, para o acesso a água através de furos, paus para a construção com material local resistente)*.

xlix Em um dos grupos de mulheres, foi ressaltado que, na zona de origem, podiam fazer os tratamentos sem pagar ou por valores menores e que no local onde se encontram (Metuge) cobram muito para os tratamentos.

^l De acordo com Miguel Marrengula (PhD), Professor de Desenvolvimento Local e Animação Sociocultural (ISARC e ISEDEL, Maputo), o *Madjini* faz parte de uma manifestação ao espiritual (cosmovisão) cuja operacionalização segue processos terapêuticos performativos, envolvendo um conjunto de acções socioculturais multifacetadas, desde a dança e música (batuque), fitoterapia, reconstituição do passado bem como manifestações espirituais diversas que precisa ser melhor estudado para possível contribuição nas estratégias sustentáveis de saúde pública.

^{li} *Inclusive, um dos Centros visitados (Bandar), a equipa da MULEIDE chegou enquanto estavam em processo de mudança para outra zona, exatamente por ser uma zona pantanosa.*

^{lii} *Nota-se que, em Makua “Ana” significa promotor/criador e “khoto” significa guerra, tendo um significado geral (tradução livre) “Anakhoto” tem um significado de promotores de guerra ou senhores de guerra.*